



atos

do conselho geral

ano LXXV julho-setembro 1994

N.º 349

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**N. 349
ano LXXV
julho-setembro
1994**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Egidio VIGANÓ No Ano da Família	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luc VAN LOOY O Projeto Educativo Pastoral das Inspetorias 2.2. P. Antonio MARTINELLI A propósito dos Cooperadores Salesianos <i>Reflexões após os Congressos Regionais dos Cooperadores</i>	33 40
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica dos Conselheiros	49 50
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Irmãos falecidos	71

Tradução: *Pe. José Antenor Velho*

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441
03105-020 - São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211
Telex: (011) 32-431 ESPS BR
Fax: (011) 279-0329

NO ANO DA FAMÍLIA

Introdução - Interpelações de Nova Evangelização - As atuais dificuldades - A carta do Papa às famílias - O grande mistério - A genealogia da pessoa - Formação e animação da aliança conjugal - A educação sexual - A preparação para o matrimônio - O carisma de Dom Bosco e a família - A Sagrada Família

Roma, Solenidade do Sagrado Coração
10 de junho de 1994

Queridos irmãos,

Nestes últimos meses eu pude constatar, em várias partes do mundo, a bondade de nosso Senhor para conosco: em algumas, ele nos ajuda a começar com vitalidade — como, por exemplo, em vários países da ex-União Soviética —, em outras, faz crescer e robustecer-se a fidelidade a Dom Bosco com corajosa criatividade — como no Paraguai, na Argentina, no Brasil, na Espanha e na Itália, onde estive há pouco. Longas viagens de animação e de comunhão, algumas das quais dedicadas a Visitas de conjunto que, na Argentina e no Brasil, permitiram perceber a extraordinária qualidade das primeiras raízes plantadas pelo mesmo Dom Bosco com opção providente e audácia magnânima.

Seja olhando para o futuro (como na Rússia), seja olhando para o desenvolvimento da semente de ontem (na América Latina, Espanha e Itália) sentimos a predileção de nosso Senhor e agradecemos a Cristo ressuscitado e elevado aos céus, que nos dá continuamente o Espírito Santo com sua potência, sua criatividade, sua proposta original de verdade salvífica para iluminar a mudança de época que está exigindo Nova Evangelização.

A Congregação no mundo está claramente sob a ação do Espírito Santo; Ele conserva a sua natureza carismática na forma viva de renovação ou de início, como se Dom Bosco estivesse vivo nas várias situações geográficas, para responder generosamente às interpelações da juventude carente. Assim, pelo menos, nas visitas que pude fazer nestes meses.

Ao mesmo tempo que a vitalidade do crescimento, o Espírito impele-nos a entender sempre melhor o mistério da cruz e a sentir-nos discípulos de Cristo com os olhos do coração voltados também para o martírio.

Estamos acompanhando com intensa solidariedade os nossos irmãos de Ruanda e seguimos, desconcertados mas com esperança, as terríveis desventuras do povo ruandense, sobretudo de sua juventude, pedindo ao Espírito do Senhor que nos indique logo um modo concreto de ajuda e de nova presença naquela amada Nação.

Sentimo-nos todos chamados a rezar, a renovar-nos, a participar com sacrifícios e a colaborar.

Interpelações de Nova Evangelização

Como sabeis, queridos irmãos, estamos vivendo na sociedade e na Igreja o Ano da Família.

Perguntei-me o que isso poderia significar para nós. E sinto a responsabilidade de convidar-vos a refletirmos juntos sobre a sua importância e sobre as exigências que isso comporta para nossa renovação educativa e pastoral.

Por que a Organização das Nações Unidas proclamou 1994 Ano Internacional da Família? Certamente para evidenciar o quanto a questão familiar seja fundamental para os Estados.

A Igreja acolheu com alegria esta iniciativa e a ela aderiu oficialmente: na festa da Sagrada Família de 1993 (26 de dezembro) ela deu início em Nazaré, com a solene celebração presidida pelo Legado Pontifício, à própria adesão a este assunto tão vital para a comunidade eclesial do mundo.

Assistimos nos meses passados a múltiplas atividades que concentraram a nossa atenção sobre a família hoje. Numerosas Inspetorias salesianas também realizaram louváveis iniciativas.

Será suficiente esta sensibilização um tanto geral? O assunto “família” é muito importante para nós para que o abandonemos com a conclusão deste ano. Devemos considerar 1994 como uma janela aberta sobre um vasto horizonte que toca a atualidade do nosso carisma e oferece tantos aspectos urgentes e novos à nossa missão de Nova Evangelização.

É oportuno, pois, que nos entretenhamos seriamente a respeito de como o tema da Família interessa profundamente ao nosso processo de renovação. Servirá para que nos sintamos mais situados “no coração da Igreja”¹ e mais inseridos de forma solidária “com o mundo e com sua história”.² O Espírito do Senhor suscitou-nos no Povo de Deus com uma tarefa específica de “pastoral juvenil”. Sabemos, e temo-lo repetido

¹ Const. 6.

² Const. 7.

várias vezes, que não se pode realizar uma autêntica pastoral juvenil sem uma relação concreta e harmônica com a “pastoral familiar”.

Questionemo-nos: poderá, hoje, um educador formar a pessoa de seus jovens sem aprofundar, esclarecer e fazer reviver os valores da família? Será possível, na Igreja, fazer nova evangelização sem retomar profundamente e com novidade os temas da sexualidade, do matrimônio e da vida conjugal?

As atuais dificuldades

É fácil ouvir falar hoje de esfacelamento da família, embora na verdade nem tudo seja ruína. É verdade que olhando ao nosso derredor percebemos uma situação muito triste. A crise fere-nos mais ainda se, com a memória, vamos até às nossas famílias de ontem, cheias de amor cristão, transbordantes de vida e testemunhas de sabedoria na simplicidade. Os tempos mudaram, de certo, e é preciso repensar também as modalidades de convivência conjugal, desde que não se destrua a natureza perene da família.

Se observarmos certas formas novas de convivência, a elasticidade do vínculo matrimonial, tão celebrada nos meios de comunicação, o alarmante fenômeno da natalidade negativa, a mentalidade permissivista a respeito do aborto, o contínuo aumento de “órfãos de pais vivos”, até o reconhecimento legal de casais homossexuais, entende-se porque não se queira definir nem descrever para uso legislativo e social um conceito oficial de família: muitos não aceitam que ela seja fundamentada no amor conjugal de um homem e uma mulher unidos em matrimônio indissolúvel qual santuário da vida.

Se a família perder, porém, a sua identidade não poderá mais ser considerada como a célula fundamental da sociedade.

Já o CG23 recordava: “Diversas famílias nos vários contextos são hoje investidas por uma grave crise marcada pelo enfraquecimento das ligações internas e por uma exagerada busca de autonomia. Muitos jovens sofrem as conseqüências desta desagregação familiar, causada pela infidelidade, pela superficialidade das relações, pelo divórcio, pela miséria, pelo alcoolismo ou pela droga. Aumenta o número de pessoas psicologicamente despreparadas para a paternidade ou para a maternidade, incapazes de dar afeto aos filhos ou ao companheiro. Estas situações criam em muitos jovens graves conseqüências que se manifestam em visíveis carências afetivas, inseguranças, desadaptação, risco de desvio”.³

³ CG23 55.

Abrem-se, infelizmente, as portas a uma falsa modernidade com perigosos permissivismos, alterações éticas, convivências transitórias, libertinagem sexual, carências de responsabilidades educativas, etc., com a grave perda dos assim chamados “direitos da família”, estritamente relacionados com “os direitos do homem”. Assiste-se, como conseqüência, a uma decadência social com efeitos negativos irreparáveis; deve-se temer um pós-cristianismo, ou seja, uma situação social de paganismo que renuncia — depois de vinte séculos de Evangelho — à luz e à graça de Cristo. Vem espontâneo pensar na página tão escura da carta de São Paulo aos Romanos: “Deus os abandonou aos seus desejos: deixaram-se levar a todo tipo de impureza a ponto de se comportarem de modo vergonhoso uns para com os outros...”⁴ O Apóstolo apresenta uma pesada descrição da Roma pagã de

⁴ Rm 1,24ss

tantos séculos atrás, mas também hoje em não poucos ambientes (infelizmente sempre mais numerosos, sobretudo quando se desconhece a função específica da família) assiste-se a condições de vida indignas e desumanas: uma “anti-civilização”.

As atuais dificuldades ressaltam a urgência de recorrer às defesas; a família deve permanecer o horizonte vital do ser pessoa; sua crise comporta no mundo uma perda de humanidade. Justamente “a Igreja considera o serviço à família uma de suas obrigações essenciais. Neste sentido, tanto o homem quanto a família constituem ‘o caminho da Igreja’”.⁵

⁵ João Paulo II *Carta às famílias* 2.

Assistimos, hoje, até mesmo a um desencontro — sobre este tema — entre o Vaticano e a ONU. Objeto do contraste é a apresentação do documento final da 3ª Conferência sobre população e desenvolvimento que se abrirá no Cairo no próximo 5 de setembro.

Existe por parte do Papa e da Sé Apostólica, uma seqüência de intervenções públicas e de iniciativas com dura crítica ao esboço do documento final. Escreve João Paulo II: “é para mim causa de grande preocupação”; “existe a tendência de promover o direito internacionalmente reconhecido para poder abortar a pedido”; “a visão da sexualidade que inspira o documento é individualista”; “o matrimônio é ignorado como se pertencesse ao passado”; “a família não pode ser manipulada...”.

Se prevalecerem na Conferência do Cairo os encaminhamentos da Comissão preparatória, legalizar-se-á um estilo de vida distante do Evangelho que facilitará a contracepção, o aborto, as uniões livres, a homossexualidade, tudo em contraste com a renovação da família segundo o Evangelho.

Nós, Salesianos, devemos seguir com coração pastoral esta contenda “cultural” e saber defender

com força a identidade da família, assim como nela apresenta a verdade de Cristo e as exigências da nossa profecia de educadores.

Infelizmente emerge uma forte crise de verdade, sobretudo de verdade salvífica: “o racionalismo moderno não suporta o mistério. Não aceita o mistério do homem, macho e fêmea, nem quer reconhecer que a verdade acabada sobre o homem foi revelada em Jesus Cristo”.⁶

⁶ *Ib* 9.

É bom, portanto, que vejamos de novo em síntese a verdade cristã sobre a família.

A carta do Papa às famílias

No dia 2 de fevereiro, festa da Apresentação do Senhor, SS. João Paulo II enviou uma preciosa carta (uma centena de pequenas páginas) às “famílias”: ela começa justamente com a afetuosa expressão: “queridas famílias”.

Nela o Papa enfrenta com coragem, profundidade e clareza os complexos problemas do atual desconforto da família e propõe uma robusta síntese da relativa verdade cristã. É indispensável permitir que seus ricos conteúdos floresçam em nossa consciência de educadores. É preciso reler e estudar esta carta. Não tem sentido entrincheirar-se em costumeiras desculpas: muitos documentos, reflexões difíceis, estilo complexo, mensagem não destinada diretamente a nós.

A família é certamente uma das “novas fronteiras” da evangelização e está profundamente relacionada, como já dissemos, à missão juvenil e popular do nosso carisma. De outro lado, o Santo Padre na carta dirige-se também a nós: “às famílias religiosas e às pessoas consagradas, aos movimentos e às associações de fiéis leigos”.⁷ o tema da família

⁷ *Ib*, 23.

é muito importante para todos e, de modo certamente privilegiado, para os educadores na fé.

Impressiona a declaração de alta responsabilidade expressa pelo mesmo Papa no texto: “falo com o poder da verdade de Cristo ao homem do nosso tempo, para que compreenda que grandes valores constituam o matrimônio, a família e a vida; que grandes perigos constituam o desrespeito destas realidades e a pouca consideração pelos supremos valores que fundamentam a família e a dignidade do ser humano”.⁸

⁸ *Ib.* 23.

Ele assegura que a doutrina cristã sobre a família é um verdadeiro “tesouro da Igreja”; é “a grande revelação: a primeira descoberta do outro”; está “verdadeiramente colocada no centro da Nova Aliança”. E observa com aguda visão pastoral que “*a família encontra-se no centro do grande combate entre o bem e o mal*”. Ali brilha a verdade de Cristo e ali escurece a mentira do erro.

Trata-se, pois, de uma carta particularmente importante que oferece, a quem deve educar na fé, os principais elementos orientativos para uma nova evangelização (e por isso também para uma nova educação).

Vejamos, porém, quais são estes elementos fundamentais.

Deduzimo-los do próprio texto da carta de forma concentrada e estimulante, que nos leva a meditar com mais atenção e diretamente a palavra do Papa. É doutrina conhecida e apresentada também no Catecismo da Igreja Católica, mas reunida sinteticamente ao redor deste tema, ela se torna um “Evangelho da família para o homem de hoje num aspecto concreto de sua vida, colocado nada menos que “no centro do grande combate entre o bem e o mal”.

O grande mistério

É sintomático constatar que a família existe tanto no início da criação do homem como no início de sua redenção. Olhando para ela entende-se de verdade o que é o homem e em que consiste o seu mistério.

A carta do Papa fala de “mistério” não só em referência ao indivíduo homem, mas também e fundamentalmente em referência à família. É o “grande mistério” acenado por São Paulo na carta aos Efésios.⁹ O Apóstolo dá uma nova impostação ao argumento, fundado sim sobre Adão e Eva para a tradição do Antigo Testamento, mas que se refere propriamente ao amor esponsal de Cristo por sua Igreja.

“Não se pode compreender a Igreja como Corpo Místico de Cristo, como sacramento universal de salvação — comenta o Santo Padre —, sem se referir ao ‘grande mistério’, unido à criação do homem macho e fêmea e à vocação de ambos ao amor conjugal, à paternidade e à maternidade. Não existe o ‘grande mistério’, que é a Igreja e a humanidade em Cristo, sem o ‘grande mistério’ expresso no ser ‘uma só carne’ (cf. Gn 2,24; Ef 5,31-32), ou seja na realidade do matrimônio e da família”.¹⁰

Aprofundando a doutrina cristã sobre a família responde-se também à questão fundamental sobre o que é o homem.

O “mistério” de onde se parte é Deus, não simplesmente como ser supremo atingido pela razão, mas na intimidade de sua essência e vida divina atingida por revelação com a fé. “Mistério” para nós não significa nem enigma nem problema, mas a verdade mais bela, mais intensa, mais iluminadora, mais fascinante, a ponto de não se

⁹ Ef 5,32.

¹⁰ Carta às famílias 19.

poder contemplá-la em visão direta para esgotar-lhe os tesouros, mas sem a qual toda a realidade permanece obscura para nós.

Esta verdade suprema é o Amor trinitário, muito mais rico e superabundante de quanto nos digam as reflexões sobre o ser metafísico do Ente supremo. É a esta íntima realidade divina que se refere a “imagem” e a “semelhança” da realidade humana:¹¹ uma originalidade absoluta, que transcende a analogia do “ser subsistente” para elevar-se a uma analogia do “amor trinitário”.

¹¹ Cf. Gn 1,26

Deus, porém, não tem corpo; é puro espírito; é a vida. As características humanas próprias da masculinidade e da feminilidade, da paternidade e da maternidade, são expressões de seu mistério que se manifestam analogicamente e em forma complementar no homem e na mulher. “Deus criou o homem à sua imagem; à sua imagem Deus os criou; macho e fêmea os criou”.¹²

¹² Gn 1,27.

“Nenhum dos seres vivos, a não ser o homem — afirma o Papa —, foi criado ‘à imagem e semelhança de Deus’. A paternidade e a maternidade humanas, embora biologicamente semelhantes às dos demais seres da natureza, têm em si, de modo essencial e exclusivo, uma ‘semelhança’ com Deus, em que se fundamenta a família, entendida como comunidade de vida humana, como comunidade de pessoas unidas no amor”.¹³

¹³ Carta às famílias 6.

Esta dualidade originária — macho e fêmea — exige uma aliança conjugal no amor, toda orientada para a plenitude da vida: “sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra; submetei-a”.¹⁴

¹⁴ Gn 1,28

Este mistério original de Adão e Eva é assumido e aperfeiçoado pelo segundo Adão (Cristo) e pela segunda Eva (Maria e a Igreja). O “esposo” aqui é o mesmo Deus feito homem, que

¹⁵ Cf. Jo 13,1.

¹⁶ *Carta às famílias* 19.

ama a Igreja “até o fim”,¹⁵ e a “esposa” é a mesma Igreja que vai regenerando a humanidade com o dom sacramental da vida nova, sobretudo através do Batismo e da Eucaristia, que “são os frutos do amor com que o Esposo amou até o fim, amor que constantemente se expande, dá generosamente aos homens uma crescente participação na vida divina”.¹⁶

Deve-se concluir que o grande mistério consiste em considerar a família como peculiar participação do amor divino a ser aprofundado na dimensão sexual de cada um dos indivíduos, na aliança conjugal do matrimônio, na fecundidade do dom da vida segundo uma paternidade e uma maternidade responsáveis. O Papa fala justamente da construção de uma “civilização do amor” que parta da renovação profunda das famílias, que constituem “o centro e o coração” desta civilização.

Por isso, é preciso convencer-se de que “sem a consciência de que Deus é ‘Amor’, e que o homem (criado à sua imagem) é a única criatura na terra chamada por Deus à existência ‘por si mesma’”, jamais se chegará ao verdadeiro amor na família e na sociedade. “O homem criado à imagem e semelhança de Deus não pode ‘encontrar-se plenamente’ senão através do dom sincero de si. Sem este conceito de homem, de pessoa e de ‘comunhão de pessoas’ na família, não pode acontecer a civilização do amor; reciprocamente, sem a civilização do amor é impossível um tal conceito de pessoa e de comunhão de pessoas”.¹⁷

¹⁷ *Ib.* 13.

Sem a verdade cristã abre-se a porta (infelizmente já escancarada) a uma “anti-civilização” que destrói o verdadeiro amor “nos vários âmbitos de sua expressão, com inevitáveis repercussões sobre o conjunto da vida social”.

A genealogia da pessoa

A carta do Papa introduz-nos no tema de fundo sobre o mistério de cada homem: o de seu ser pessoa. “Na biologia da geração — diz-nos — está inscrita a genealogia da pessoa”.¹⁸ Sabemos, como assegura-nos o *Catecismo da Igreja Católica*, “que cada alma espiritual é criada diretamente por Deus — não é ‘produzida’ pelos pais — e é imortal”.¹⁹ De outro lado “a unidade da alma e do corpo é tão profunda que se deve considerar a alma como a ‘forma’ do corpo: isto significa que graças à alma espiritual o corpo composto de matéria é um corpo humano e vivo; no homem, espírito e matéria não são duas naturezas justapostas, mas a união delas forma uma única natureza”.²⁰

¹⁸ *Ib.* 9

¹⁹ CIC 366.

²⁰ *Ib.* 365.

O corpo do homem representa o vértice do mundo material²¹ e “participa da dignidade de ‘imagem de Deus’; é corpo humano justamente porque é animado pela alma espiritual”.²²

²¹ Cf. GS 14.

²² CIC 364.

A pessoa é constituída por tudo aquilo que é humano, incluindo certamente também a sexualidade (a pessoa-macho, e a pessoa-fêmea), mas é caracterizada por uma dimensão de transcendência que a faz referir-se diretamente a Deus-Amor porque feita à sua imagem e semelhança.

Assim também a paternidade e maternidade dos genitores, embora enraizadas evidentemente na biologia, superam-na pela qualidade espiritual que procede da alma. A geração humana distingue-se de qualquer outra geração sobre a terra: ela “é a continuação da criação”.²³

²³ *Carta às famílias* 9.

Na paternidade e maternidade humanas Deus mesmo está presente; por isso, afirma o Papa: “na biologia da geração está inscrita a genealogia da pessoa. Também o novo ser humano, não diversa-

mente dos genitores, é chamado à existência como pessoa, é chamado 'à vida na verdade e no amor'. Tal chamada não se abre somente ao que está no tempo, mas em Deus abre-se à eternidade. Esta é a dimensão da genealogia da pessoa que Cristo nos revelou em definitivo, lançando a luz de seu Evangelho sobre a vida e a morte humana, e, portanto, sobre o significado da família humana".²⁴

²⁴ *Ib.* 9.

Com razão, o Concílio Vaticano II afirmou com singular clareza que o homem "na terra é a única criatura que Deus quis por si mesma!".²⁵

²⁵ GS 24.

"Ser homem", macho ou fêmea, é a vocação fundamental de cada pessoa, que existe "por si mesma" embora inscrita ao mesmo tempo na família e na sociedade. Cada filho é o coroamento do amor conjugal e um precioso dom à família; coroa assim o vivo desejo dos pais; mas devem eles querer o filho "por si mesmo" da mesma forma que o quer o Criador: "a genealogia da pessoa - repete o Papa — está unida, antes de tudo, à eternidade de Deus, e somente depois à paternidade e maternidade humanas que atuam no tempo".²⁶

²⁶ *Carta às famílias* 9.

Evidentemente derivam desta visão mistérica da família importantes conseqüências quer para a pessoa do filho, quer para os pais e a família, para a Sociedade ou para a Igreja.

E aqui apresenta-se para nós todo um campo concreto de ação educativa e evangelizadora, que exige um maior repensamento sobre alguns aspectos do nosso empenho apostólico num momento de nova evangelização.

Podemos fixar a atenção em três aspectos ligados à pastoral da família; são três aspectos que tocam explicitamente a nossa missão e que me parece nem sempre tenham suficiente atenção em nossos empenhos educativo-pastorais. Eles consti-

tuem certamente uma fronteira da nova evangelização e da nova educação.

Ei-los: a formação e animação da aliança conjugal entre os esposos; a educação sexual nos jovens; a preparação ao matrimônio na pastoral educativa.

Formação e animação da aliança conjugal

Compete-nos, por razões diversas (paróquias, associações de cooperadores e ex-alunos, condição de atividade com colaboradores leigos, etc.), acompanhar com preocupação evangelizadora vários grupos de esposos: não podemos frustrar a animação de sua aliança conjugal de acordo com o Evangelho. Trata-se de sua vida quotidiana. É um serviço apostólico que somos chamados a oferecer interessando-nos também de seus problemas, especialmente a respeito da educação dos filhos.

Como fundamento-base de toda família existe o pacto matrimonial, no qual um homem e uma mulher “mutuamente se dão e se recebem”²⁷ numa profunda aliança conjugal de serviço à vida. O seu amor recíproco é confirmado e aperfeiçoado pela respectiva paternidade e maternidade, que faz deles colaboradores da maravilhosa potência criativa de Deus. A aliança conjugal implica “o dom de si” pleno e irrevogável de um ao outro. Infelizmente, a experiência ensina que este sublime projeto do Criador foi ferido pelos egoísmos do pecado. Assim a sexualidade, o matrimônio, a família, a educação dos filhos padeceram fortes desvios ao longo da história.

²⁷ GS 48.

Neste Ano da Família a Igreja nos chama a ser evangelizadores da aliança conjugal.

O Evangelho de Cristo proclama explicitamente que o dom de si de um cônjuge ao outro é

²⁸ Carta às famílias 7.

tão profundo e íntimo que comporta “o caráter indissolúvel do matrimônio, como fundamento do bem comum da família”.²⁸

²⁹ *Ib.* 7.

O matrimônio é uma “comunhão de pessoas” abertas à “geração de pessoas”: “só as pessoas são capazes de existir em comunhão”.²⁹

Esta comunhão no matrimônio é orientada para a paternidade e para a maternidade enraizadas na biologia do macho e da fêmea, mas humanizadas e sublimadas pelo hálito espiritual de suas almas e lançadas a ainda maiores sublimes metas pela fé no projeto de Deus salvador, como o podemos contemplar na Santa Família de Nazaré.

Nós Salesianos falamos há tempo do nosso Projeto-leigos e o próximo Capítulo Geral (CG24) enfrentará justamente este tema. Olhando para os leigos referimo-nos também, sem dúvida, a não poucas famílias. Penso, por exemplo, nas Associações de pais em nossas obras, nas Mães catequistas e, entre os Cooperadores, em tantos jovens casais que formaram (por ex., na Espanha) grupos especiais de “Hogares Don Bosco”, ou seja, lares animados por irmãos para o aprofundamento e o crescimento dos valores humanos e cristãos de seu matrimônio; e ainda há todo o trabalho pastoral a ser realizado em nossas inúmeras paróquias.

O Papa, na Exortação apostólica *Familiaris Consortio*, falando da contribuição dos Religiosos e das Religiosas a favor da família, afirma: “gostaria de acrescentar uma exortação mais urgente aos responsáveis dos Institutos de Vida consagrada, para que considerem — sempre no substancial respeito do carisma próprio e originário — o apostolado dirigido às famílias como uma das tarefas prioritárias, que se tornou mais urgente pelo atual estado das coisas”.³⁰

³⁰ FC 74.

A nossa formação permanente deve incluir oportunamente este aspecto de nova evangelização em suas programações; em todos os lugares se sente a sua necessidade.

“Em nossos dias — diz o Catecismo da Igreja Católica —, num mundo muitas vezes estranho e até mesmo hostil à fé, as famílias que crêem são de fundamental importância, como lares de fé viva e irradiante. É por este motivo que o Concílio Vaticano II, usando uma antiga expressão, chama a família de *Ecclesia domestica* — Igreja doméstica. É no seio da família que ‘os pais devem ser para seus filhos, com a palavra e com o exemplo, os primeiros anunciadores da fé, e secundar a vocação própria de cada um e, de modo especial de consagração’”.³¹

³¹ CIC 1657.

A família entra nas tarefas essenciais da missão da Igreja: é verdadeiramente “seu caminho”. Ela é a “primeira escola” do ser homem; os esposos são “educadores” justamente porque “pais”; a paternidade e a maternidade representam uma tarefa, uma responsabilidade e um direito também cultural e espiritual. Deus ao criar a pessoa por si mesma, confia-a depois, de fato e plenamente, à família.

É nela que “se exerce de maneira privilegiada o sacerdócio batismal do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, ‘com a participação aos sacramentos, com a oração e o agradecimento, com o testemunho de uma vida santa, com a abnegação e a operosa caridade’. O lar é assim a primeira escola de vida cristã e ‘uma escola de humanidade muito rica’. É aqui que se aprende o esforço e a alegria do trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso, sempre renovado, e sobretudo o culto divino através da oração e da oferta da própria vida”.³²

³² *Ib.* 1656.

As relações recíprocas entre os cônjuges e com os filhos “são inspiradas e guiadas pela lei da ‘gratuidade’ que, respeitando e favorecendo em todos e em cada um a dignidade pessoal como único título de valor, torna-se acolhida cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda”.³³

33 FC 43.

Na aliança conjugal encontra-se o ambiente primeiro e mais propício para “humanizar e personalizar”; colaborando dessa forma na construção da sociedade e da Igreja. No Sínodo de 1980 os Bispos pediram ao Papa que empenhasse a Sé Apostólica na elaboração de uma “Carta dos direitos da Família”. O Santo Padre acolheu o pedido,³⁴ e a “Carta” pôde ser publicada em 1983 (12 artigos). Trata-se de um documento muito orientador (particularmente a nível dos responsáveis da sociedade). Vale a pena reler este documento hoje. Ao apresentá-lo, a Sé Apostólica “dirige um apelo particular a todos os membros e instituições da Igreja para que dêem testemunho claro das convicções cristãs a respeito da insubstituível missão da família, e procurem que as famílias e os pais recebam o necessário apoio e encorajamento para realizarem a tarefa a eles confiada por Deus”.³⁵

34 *Ib.* 46.

35 *L'Ossevatore Romano* 25.11.1983

Existe em nossa tradição salesiana um clima característico de convivência, que nos habilita a sermos especialistas da comunhão de pessoas. Pensemos naquele “espírito de família” que deve modelar cada uma de nossas “casas” com afeto, acolhida, partilha: “em clima de confiança mútua e perdão quotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar, e as relações se regem não tanto pelo recurso às leis quanto pelo movimento do coração e da fé”.³⁶

36 *Const.* 16.

Devemos considerar este simpático aspecto do nosso espírito, não como um tesouro a esconder,

mas como um precioso dom a compartilhar com outros. Beneficiar-se-ão dele, não só tantas famílias, mas nós mesmos seremos enriquecidos por valores, também culturalmente novos, que estão crescendo nas melhores famílias.

Mais de uma vez, infelizmente, não poucas famílias encontram-se de fato (quem sabe também independente da vontade de um dos cônjuges e da preparação tida) numa situação não ideal e dolorosa. Nossa experiência de vida comunitária de perdão e de paciência pode ajudar as pessoas interessadas a administrar estas situações tirando o maior proveito possível, sem afastar-se do Evangelho e da Igreja.

Trata-se de uma tarefa pastoral muito delicada e bastante freqüente. Trata-se de salvar as “pessoas” também nos perigos de naufrágio.

A educação sexual

Já como fruto do Sínodo 1980, dedicado expressamente à família, sublinhava-se a urgência de saber evangelizar a educação sexual dos jovens: “Perante uma cultura que, em grande parte, ‘banaliza’ a sexualidade humana — escreve o Papa na Exortação apostólica *Familiaris Consortio* —, porque a interpreta e vive de modo redutivo e empobrecido, ligando-a unicamente ao corpo e ao prazer egoísta, o serviço educativo dos pais (e, por subsidiariedade, dos outros centros educativos) deve apontar decididamente para uma cultura sexual que seja verdadeira e plenamente pessoal; a sexualidade, com efeito, é uma riqueza de toda a pessoa — corpo, sentimento e alma — e manifesta o seu significado íntimo em levar a pessoa ao dom de si no amor”.³⁷

³⁷ FC 37.

Devemos reconhecer que a interpretação simplesmente biológica do sexo, resulta parcial e redutiva porque descuida a unidade fundamental da pessoa e a sua promoção integral enquanto imagem e semelhança de Deus. A ótica cristã põe no vértice da pessoa a capacidade de “amar” superando os egoísmos e os desvios do erotismo. A autêntica educação sexual deve ser envolvida claramente na mais ampla educação ao amor como dom de si. Certamente existe todo um delicado campo no âmbito biológico e psicológico do sexo, muito importante e do qual não é preciso nunca fazer um tabu, mas que não será autenticamente humano se for considerado apenas a nível animal.

A sexualidade é um dinamismo difuso e operante em todo o ser integral do macho e da fêmea; a pessoa humana é toda sexuada, mesmo se a sexualidade é apenas um de seus aspectos constitutivos. O sexo caracteriza o eu de cada indivíduo humano e influi no desenvolvimento como uma força primordial, sobretudo para levar a formação da personalidade ao verdadeiro amor até o nível do dom de si em forma oblativa.

Em todo caso, quando se pensa no aspecto de “imagem e semelhança” de Deus é preciso recordar que a analogia comporta uma distância incalculável e, portanto, a ser aplicada com critério: Deus com o seu amor “cria” o bem; o homem, diversamente, quando ama é despertado e atraído pelo bem, em seus múltiplos níveis de apelo.

Afortunadamente o Verbo de Deus se fez homem e nos ensinou o amor oblativo do homem como imagem de Deus. Se existe, porém, um campo onde a tragédia do pecado semeou a ruína, é justamente o amor. De aqui a importância e a urgência de uma cuidadosa educação sexual relativa à formação de cada pessoa para o amor.

Abre-se aqui também, o delicado problema da co-educação, hoje amadurecido em muitas culturas, de uma modalidade de ação educativa pedagogicamente mais complicada. Os dois sexos, complementares entre si, exigem que as pessoas sejam formadas, por um lado, segundo as exigências específicas de cada um dos sexos e, de outro, que se cultive nelas um tipo de reciprocidade que reforce e torne possível o crescimento da sexualidade segundo a dignidade específica das pessoas.

A experiência ensina que isto não resultará efetivo sem uma espiritualidade juvenil: amor, sexualidade, espiritualidade devem estar intimamente unidas no processo de educação à fé. E aqui se insere necessariamente a educação à vocação que é, em qualquer estado de vida, justamente uma concreta formação ao amor como dom de si.

Na Exortação apostólica *Familiaris Consortio* o Santo Padre, falando da educação sexual, afirma: “É totalmente irrenunciável neste contexto a educação para a castidade, como virtude que desenvolve a autêntica maturidade da pessoa e a torna capaz de respeitar e promover o ‘significado esponsal’ do corpo. Antes, os pais cristãos (e os educadores) reservarão uma particular atenção e cuidado, discernindo os sinais do chamada de Deus, para a educação à virgindade, como forma suprema da-quele dom de si que constitui o sentido mesmo da sexualidade humana”.³⁸

³⁸ *Ib.* 37.

Considerada nesta visão integral, a educação sexual reúne e concretiza vários aspectos da formação para a fé, próprios de nossa missão e tradição. Recordemos quanto já recomendara o CG23 ao falar da educação para o amor. Vale a pena reler os números 192 a 202: A educação para o amor. Assim, por exemplo, o n. 195: “O salesiano, atento

³⁹ CG23 195

em sua ação educativa em favorecer e promover o amadurecimento dos jovens, sente hoje um especial empenho em educar para o amor. Está convencido de que o mistério de Cristo, sua vida e seus acontecimentos, constituem propriamente a revelação plena e normativa do verdadeiro amor. A experiência típica de Dom Bosco e o conteúdo educativo e espiritual do Sistema Preventivo orientam-no para algumas opções simples mas eficazes”.³⁹

Alguém, um tanto presunçoso, notou que toda a preocupação demonstrada por Dom Bosco pela pureza dos adolescentes e dos jovens já não teria hoje um valor de primeiro plano. Erro grave! Infelizmente houve (em consequência das mudanças culturais) uma cessão a respeito; mas é indispensável rever e recuperar, em sintonia — certamente — com a evolução cultural. Se na “formação à pureza” falássemos com competência da “educação sexual” no sentido integral com que o Papa fala, e incluindo-a na “espiritualidade juvenil” para o amadurecimento da pessoa no amor oblato, eu creio que faríamos reviver a insistência de Dom Bosco, de forma atualizada, sobre um aspecto central do bem dos jovens.

Sim: a nova evangelização a respeito da educação sexual, da formação para a amizade, da guarda do coração, da valorização do matrimônio e da virgindade ou celibato, constitui para a juventude o mais válido serviço na educação ao amor e demonstra quotidianamente, ao longo do processo educativo, que cada pessoa humana é “vocação” e que a compulsão sexual não é um tabu mas um dinamismo querido por Deus no contexto global da grandeza e dignidade da pessoa.

O Catecismo da Igreja Católica reconhece com acerto que “a sexualidade exerce uma influ-

ência em todos os aspectos da pessoa humana, na unidade de seu corpo e de sua alma. Ela concerne particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e, num modo mais geral, à disposição de entretecer relações de comunhão com outros”.⁴⁰

⁴⁰ CIC 2332.

A preparação para o Matrimônio

O alargamento da idade juvenil introduziu em nossas presenças educativas (oratórios, paróquias, pensionatos, associações laicais, etc.) uma mais cuidadosa atenção para a preparação ao matrimônio. Mesmo antes do noivado, e além deste aspecto, a formação da pessoa para o amor, que é a essência de toda educação, deve orientar o projeto educativo a fim de bem preparar para o matrimônio.

Este é um aspecto da pastoral vocacional (o matrimônio é a vocação ordinária da maior parte dos jovens) a ser considerado em conjunto — mesmo se com acentuações e modalidades diversas — com a vocação à vida consagrada.

Para o desenvolvimento de toda vocação é indispensável uma boa e constante formação para o amor. O amor, com efeito, é um dinamismo fundamental e inato, mas que pode desviar-se com facilidade, com prejuízo da pessoa: em lugar de dom de si em forma oblativa, pode facilmente tornar-se egoísmo, domínio, cobiça, paixão. O desastre provocado pelo pecado tem danificado sobretudo o campo do amor, inaugurando o império do egoísmo.

Pois bem: o matrimônio é uma comunidade de amor entre duas pessoas, um homem e uma mulher; é orientado para o bem comum de sua permanente aliança conjugal e ao cuidado e crescimento da vida com a procriação.

O matrimônio não é originariamente uma instituição apenas humana, “não depende do arbítrio do homem, porque Deus mesmo é o autor do matrimônio, que o dotou de múltiplos valores e fins; todos de grande importância para a continuidade do gênero humano, o progresso pessoal e o destino eterno de cada um dos membros da família, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade da mesma família e de toda a sociedade humana”.⁴¹

⁴¹ GS 48.

Vê-se logo, desta autorizada descrição, que o matrimônio supera de muito o âmbito simplesmente biológico e os impulsos do instituto e das paixões; é uma realidade que envolve toda a pessoa para encaminhá-la a um dom de si sem egoísmos e aberto a profundas responsabilidades em relação direta com a vida e a sociedade. Se se pensa, depois, em seu valor de sacramento na Igreja, percebe-se ainda mais a sua importância e dignidade.

É evidente, então, que a preparação para o matrimônio exige longo tempo de dedicação e comporta um empenho nos vastos âmbitos da pedagogia da vocação.

Todo amadurecimento vocacional dedica-se a educar para o amor, ou seja, para o dom de si no empenho pelos outros, no sacrifício, no levar alegria, no saber perdoar, na solidariedade, no nutrir-se de grandes ideais, evitando as tentações do hedonismo, na superação dos desencorajamentos, na coragem dos arrependimentos, nas iniciativas de maior comunhão, etc.

Trata-se, como se vê, da educação de uma vocação cristã com uma base comum a todos os batizados com característicos valores a serem garantidos. O dom de si é uma meta a ser alcançada tanto no matrimônio como no celibato pela Igreja: “ambos — diz o *Catecismo da Igreja Católica* — o

sacramento do Matrimônio e a Virgindade pelo Reino de Deus, provêm do mesmo Senhor. É ele quem lhes dá sentido e concede a graça indispensável para vivê-los de acordo com sua vontade. A estima da Virgindade pelo Reino de Deus e o senso cristão do Matrimônio são inseparáveis e se favorecem reciprocamente”.⁴²

⁴² CIC 1620.

Existem, portanto, na pastoral juvenil, valores específicos a serem promovidos, intensificando aquela espiritualidade do quotidiano tão recomendada pelo CG23.

Convém recordar, porém, que embora se trate para todos de cultivar a vocação cristã, existem diferenças importantes a serem seguidas e cultivadas com atenções pedagógicas apropriadas: as diferenças provenientes do sexo masculino ou feminino, a preparação específica para o matrimônio e a pedagogia do celibato, o discernimento das variadas possibilidades vocacionais, os momentos diferentes de amadurecimento no amor (por ex., o período de noivado ou a decisão já tomada por uma determinada vocação de consagração eclesial).

Importa sublinhar aqui que a preocupação de preparar verdadeiramente para o matrimônio não marginalize o cuidado das outras vocações, mas que também o cuidado das vocações ao celibato não valorizem menos ou descuide a preparação para o matrimônio. Insistindo sobre os conteúdos específicos da formação para o amor não será difícil encontrar um sadio equilíbrio na programação educativa.

O ponto sobre qual se deve insistir para uma concreta renovação num maior intercâmbio entre pastoral juvenil e pastoral familiar, é de colocar no centro dos projetos educativos justamente a programação de contínuas iniciativas no desenvolvimento

e reforço do dom de si, vinculado com as exigências das diferenças sexuais e vocacionais. De aqui ainda a urgência de incorporar a toda a atividade educativa uma autêntica espiritualidade juvenil, em que se cuide também de uma adequada pedagogia ascética e um senso prático de recuperação pessoal e de reconciliação com Deus. Não se deve esquecer que a presença de várias formas de egoísmo no âmbito da vida juvenil opõe-se de fato a uma válida educação para o amor. Em definitivo, será preciso reconhecer que uma melhor preparação ao matrimônio exige de nossas atividades educativas (não só paroquiais) saber privilegiar toda uma programação concreta de espiritualidade juvenil.

Neste delicado empenho devem também ser consideradas tantas novas exigências de realismo: junto com a doutrina de fundo e os atraentes ideais cristãos do amor conjugal, é preciso preparar concretamente os jovens para enfrentar e superar as muito freqüentes crises de casais, tão propagadas pelos meios de comunicação social.

O carisma de Dom Bosco e a família

Pode ser iluminador para nós apelar para algumas reflexões sobre o senso profundo e vital de continuidade que existe, na experiência histórica e pessoal, entre a vida na própria família e a vida em Congregação.

Muitos de nós têm experiência existencial disso e sentiram justamente uma espécie de continuidade de clima, de bondade, de espontaneidade, mesmo se com modalidades diversas, entre a “casa” dos pais e a “casa” salesiana; isto favoreceu um tipo

de relações recíprocas entre comunidade religiosa e família que caracterizam, de fato, o nosso espírito.

É belo ver nas Inspetorias interessantes iniciativas de reuniões de pais e familiares dos irmãos, a associação das mães de consagrados salesianos (iniciada no Uruguai), a insistência sobre as relações recíprocas por parte de nossa Regra de vida; já recordamos o art. 29 das Constituições, e podemos acrescentar aqui o que estabelecem os Regulamentos gerais: “a comunidade mantém relações cordiais com a família de cada irmão, manifestando-lhe amor e reconhecimento. O salesiano que deixou sua casa para seguir a Cristo conserva íntegro o afeto pelos seus familiares, especialmente pelos pais. Exprime-o na oração, correspondência e visitas”.⁴³ Falando, mais adiante, dos serviços do Diretor à comunidade religiosa, recomenda-lhe explicitamente que “se interesse pelos pais dos irmãos e considere-os particularmente ligados à comunidade”.⁴⁴

⁴³ Reg. 46

⁴⁴ Reg. 176

Este estilo simpaticamente “familiar” tem suas origens na vida mesma do Fundador, na experiência de sua família guiada por Mamãe Margarida. A heróica mudança desta mãe para Valdocco serviu para impregnar o ambiente daqueles pobres jovens do mesmo estilo familiar, do qual brotou a substância do Sistema Preventivo e tantas modalidades tradicionais a ele ligadas. Dom Bosco experimentara que a formação de sua personalidade estava vitalmente enraizada no extraordinário clima de entrega e de bondade (“dom de si”) de sua família nos Becchi, e quis reproduzir-lhe as qualidades mais significativas no Oratório de Valdocco entre aqueles jovens pobres e abandonados.

Tinha convicção clara que sua missão devia saber reproduzir a dos melhores pais, sob o sinal

vivo e manifesto do amor autêntico. Numa carta de 1883 aos irmãos sobre a peculiar bondade do Sistema Preventivo dizia-lhes: “é preciso que jamais vos esqueçais que representais os pais desta querida juventude, que foi sempre o terno objeto de minhas preocupações, de meus estudos, de meu ministério sacerdotal e de nossa Congregação Salesiana. Se fordes por isso verdadeiros pais de vossos alunos, será preciso que tenhais também o coração deles... O coração de pai que devemos ter condena este modo de fazer (agir passionalmente)... Consideremos como nossos filhos, aqueles sobre os quais devemos exercer algum poder. Ponhamo-nos como que ao serviço deles, como Jesus que veio para obedecer e não mandar, envergonhando-nos do que, em nós, pudesse ter ares de dominadores, e não dominemo-los senão para servir-lhes com maior prazer... Desde que são nossos filhos, afastemos toda cólera quando devemos reprimir-lhes os erros, ou pelo menos, moderemo-la de modo que seja completamente sufocada. Nem agitação de espírito, nem desprezo nos olhos, nem injúria nos lábios; mas sintamos a compaixão pelo momento, a esperança pelo futuro, e então sereis os verdadeiros pais e fareis uma verdadeira conversão... Recordai-vos que a educação é coisa do coração... Esforcemo-nos por fazer-nos amar”⁴⁵

⁴⁵ *Epistolário de S. João Bosco*, SEI, Turim, 1959, vol. 4, pp. 201-209.

Penso sinceramente que estamos todos convencidos desta nossa relação evangélica com as famílias. O problema hoje está nas exigências da Nova Evangelização, que coloca em primeiro lugar entre os cuidados pastorais justamente a família. Devemos rever com atenção especial este setor de empenho que toca vitalmente as nossas atividades educativas, o cuidado pelos leigos de nossas asso-

ciações e a colaboração em vista das prioridades pastorais da Igreja local.

A carta do Papa às famílias deve incidir em nosso sentido de fidelidade à missão do Fundador e tornar mais dinâmicos os projetos e programas educativo-pastorais da presença salesiana para além deste Ano-94 de celebração especial da ONU e da Igreja.

A educação para a dimensão social da caridade⁴⁶ contribui certamente para garantir na família a união e a iniciativa de empenhos trans-familiares que reforcem concretamente o amor como dom de si.

⁴⁶ Cf. CG23 203ss.

A Sagrada Família

Pensem, para concluir, na Família de Nazaré. Veremos ali iluminar-se de forma maravilhosa tanto a intensidade da aliança conjugal, como o dom oblato de si, como também o aperfeiçoamento da sexualidade no amor e o específico clima educativo da família. Mergulhamos no mistério da genealogia da Pessoa e chegamos, na educação, ao cuidado da vocação.

Se se deseja contemplar a plenitude da fidelidade e da paz no lar, é preciso olhar para Nazaré. Igualmente também se se deseja admirar a satisfação e a alegria da convivência, a disponibilidade quotidiana para o sacrifício, o empenho no trabalho, o senso vivo da oração, a imensa gratidão às iniciativas de Deus, a adesão simples e também heróica aos seus planos concretos, sua constante intervenção nas pessoas e na história, sua presença central em casa.

Em Nazaré descobre-se, no grande mistério do matrimônio, o papel da alma espiritual, enquanto reveste os cônjuges da imagem e semelhança de

Deus acima dos valores simplesmente biológicos. Mas sobretudo se se abre para os horizontes da fé, que suscita na alma uma participação na vida mesma de Deus, infundindo na pessoa dos esposos o dom mais alto do amor oblato: tanto na maternidade “virginal” de Maria, como na “especial” paternidade de José.

As riquezas de sua sexualidade superam alegremente o uso biológico para exprimir-se num amor conjugal, materno e paterno, que se torna modelo para todos os crentes, quer na vida matrimonial como na consagrada. A fé aperfeiçoa a sexualidade elevando-a às sublimes experiências do amor trinitário.

A geração e a educação do Filho leva, na família de Nazaré, a genealogia da pessoa ao mais elevado grau do amor, introduzindo a fé dos cônjuges na fecundidade divina do supremo mistério de Deus.

A fé de Maria e de José (“aqueles que acreditaram”!) desabrocha numa espiritualidade familiar que permeia e perfuma o lar de Nazaré como admirável “casa de Deus na história”: dali procede a humanidade nova, ali tem origem a vitória sobre o mal, sobre os egoísmos e as concupiscências, ali é revelado todo o mistério do homem com a novidade do Segundo Adão que a todos levará à meta da ressurreição.

A originalidade da Família de Nazaré convida-nos a considerar que a perfeição da pessoa humana de Maria e de José é a plenitude do amor e que a educação à fé e ao amor constitui a preocupação de Deus na história, deixando à Igreja precisamente esta missão e colocando o nosso carisma hoje nos postos avançados da Nova Evangelização.

Dom Bosco espera de nós uma verdadeira renovação operativa à luz deste Ano da Família.

Que a Santa Família de Nazaré ajude a Igreja a renovar o amor humano e obtenha para nós saber colaborar nesta urgente missão com um especializado empenho educativo.

Cordiais saudações e votos de bem.

Com afeto em Dom Bosco,

P. Felício Varas

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 O PROJETO EDUCATIVO PASTORAL DAS INSPETORIAS

Pe. Luc VAN LOOY

Conselheiro geral para a Pastoral Juvenil

O CG23 convidava a fazer “a revisão do Projeto Educativo Pastoral das Inspetorias até o próximo Capítulo inspetorial”. Efetivamente, após a celebração do capítulo inspetorial de 1992-1993, as Inspetorias enviaram o próprio projeto educativo reelaborado ao Dicastério para a Pastoral Juvenil. Dessa forma, teve-se a oportunidade de estudar e confrontar os vários projetos. Com a apreciação e a avaliação do trabalho feito, chegou o momento de indicar quais as linhas emersas desses projetos e de “medir” a mentalidade de projeto na Congregação.

O Dicastério levou a termo duas pesquisas para ter uma idéia clara do “como” se trabalha nas inspetorias e nas casas a partir do projeto educativo. Interessa-nos compreender, sobretudo, a função referencial do PEPSI no trabalho educativo e avaliar o seu valor efetivo na comunidade educativa.

É importante assinalar, de início, a clara percepção de que *está crescendo a mentalidade de projeto na Congregação*. Em muitas inspetorias se fez um sério trabalho de revisão, de aplicação do projeto e não só a nível inspetorial, mas também de comunidades locais.

Uma avaliação em cada Inspetoria poderá indicar a relação entre projeto escrito e sua aplicação no concreto das obras. Colocar o projeto em ação terá como fruto imediato a aquisição mais convicta do conceito de educação e pastoral integral. Nem todos os irmãos, de fato, percebem que conseguir uma formação integral da pessoa

é mais importante do que somente “gerenciar bem o próprio setor”. Talvez seja um hábito nosso concentrar-nos no trabalho concreto, sem percebê-lo plenamente no conjunto da tarefa educativo-pastoral, dando assim espaço a uma aproximação setorial da missão.

A “mentalidade de projeto” leva-nos a ter em conta quatro dimensões para agir, dedicando-nos à integração de todas elas em vista do crescimento homogêneo e harmonioso das pessoas. Educação e evangelização, inserção social e opção pessoal na vida são os quatro aspectos fundamentais que juntos constituem a preocupação do salesiano de preparar os jovens e o povo para que cresçam em humanidade e cristianismo.

Perguntamo-nos como o fato de ter elaborado o projeto educativo inspetorial e/ou local influiu na realização da missão educativo-pastoral. Esta porém, não é a finalidade da presente contribuição. Deixemos a reflexão aos Inspetores e às equipes de pastoral das Inspetorias, *sugerindo que não se esqueçam de verificar em tempos precisos a aplicação do projeto e as dificuldades que daí surgem.*

Nesta reflexão referimo-nos somente aos projetos escritos. Vejamos como e por quem foram escritos e como são avaliados por parte dos coordenadores da pastoral na Inspetoria. Não falamos, portanto, do modo como as comunidades e as obras estão agindo depois da elaboração do projeto.

Há diversos anos a Congregação se propôs como meta reunir os irmãos e os colaboradores leigos ao *redor de um único projeto de referência*. O CG21 (1978) diz: “Tenda-se a nível inspetorial e local a um projeto orgânico, a ser revisto periodicamente, capaz de orientar a ação de toda a comunidade no empenho evangelizador” (CG21 30,c).

1. Exame dos projetos inspetoriais

Um aspecto que brota, no estudo dos projetos, é a importância dada à figura do *coordenador de pastoral* na Inspetoria e na casa. Com efeito, é necessário que as comunidades educativas sejam ajudadas para que se torne viva uma mentalidade de projeto na Inspetoria. É de grande importância a figura do delegado inspetorial que, em nome do Inspetor, segue todo o setor da educação e da evangelização.

Insiste-se há vários anos que este delegado *tenha dedicação exclusiva*, dedique-se à qualificação educativa e pastoral dos irmãos

e dos colaboradores leigos, como também da qualificação das mesmas obras. Sugeriu-se em diversas ocasiões que o delegado faça parte do Conselho inspetorial, ajudando assim o Inspetor a conseguir que o Conselho adquira um papel de reflexão pastoral, e não se limite à tarefa administrativa e organizativa.

A pesquisa releva que ainda hoje em 28 *Inspetorias* (sobre 66 que responderam) o delegado para a pastoral juvenil *não tem dedicação exclusiva*, e que em 16 *Inspetorias* *ele não é membro do Conselho inspetorial*. Se acrescentamos que em 9 *Inspetorias* não existe a equipe que assiste ao delegado para a pastoral (cf. CG23, 244), pode-se compreender que ninguém, nestas *Inspetorias*, promove a concentração ao redor de um projeto educativo.

2. O valor dado ao projeto educativo-pastoral

A complexidade cultural, a composição pluralista, as diversas atividades da comunidade pastoral e a co-responsabilidade dos leigos em todos os níveis da educação e da pastoral convidam-nos com urgência a seguir um caminho compartilhado por todos. Não só exige um projeto integrado e compartilhado como ponto de referência e com possibilidade de avaliação, mas numa obra com objetivo tão importante como a orientação para a vida dos jovens, não se pode proceder sem ter estudado bem os processos e o percurso a seguir juntos. Se não se faz assim, é inevitável que os grupos e as pessoas se dispersem ao longo do caminho.

Na pesquisa feita a respeito da elaboração dos projetos e sobre sua incidência na vida da *Inspetoria* e das casas podem-se verificar alguns aspectos importantes. Deixemos que falem os números:

- 8 *Inspetorias* sobre 66 (total das *Inspetorias* que responderam) dizem que nenhuma casa tem um projeto escrito; sobre 1214 casas, 464 *não possuem um projeto escrito*.

- Perguntando “quem” elaborou o projeto inspetorial, 42 sobre 66 *Inspetorias* respondem que fizeram-no *alguns salesianos*. Isto significa que as pessoas que juntas carregam o peso da missão educativa e pastoral foram introduzidas no projeto quando este já estava todo formulado, e portanto, não podem senão “aceitar” sem serem co-responsáveis pela elaboração do próprio projeto.

- 11 Inspetorias afirmam que o projeto não foi aprovado pelo Capítulo Inspetorial. 7 Inspetorias dizem que os órgãos de governo inspetorial (comissões, grupos de coordenação, etc.) não se servem dele.

- A atuação do projeto é confiada à comunidade educativa, e muitas casas estão profundamente cientes disso; 13 Inspetorias, porém, afirmam que não existe a comunidade educativa em nenhuma das próprias casas. Dito de outro modo, num total de 1214 casas, 440 não constituíram a comunidade educativa. Disto resulta que a formação do pessoal leigo é descuidado e no máximo reduzida a alguma iniciativa ocasional e não programada. De fato 24 Inspetorias dizem que a formação dos leigos colaboradores não é planificada.

3. O PEPS e a significatividade da presença salesiana

O estudo realizado quis examinar a qualidade dos projetos inspetoriais escritos; por ora não entrou na análise da aplicação real destes projetos nas obras. Pediu-se às equipes inspetoriais de pastoral juvenil que avaliassem o próprio projeto em base a um questionário detalhado.

A primeira limitação surgida, a respeito do projeto, é que ele permaneceu restrito aos salesianos religiosos: a maior parte deles foi elaborado por um pequeno grupo de salesianos, como se dizia acima, e também a avaliação qualitativa é feita por uma equipe deles.

Impressiona a ausência da “*dimensão laical*”, enquanto se dá pouca importância à pessoa do leigo no conjunto do projeto.

São também escassas nos projetos as indicações de relação com o ambiente social, familiar, e quando se indaga sobre o aspecto social e político, surge dele uma consideração muito fraca. Em geral, antes de entrar em alguns traços particulares, constata-se que o projeto se fecha numa realidade primariamente religiosa, demonstrando atenção para o aspecto religioso dos destinatários e manifestando uma limitada abertura da comunidade ao território que a circunda.

Uma comparação entre regiões e continentes evidencia sensibilidades diversas nas várias zonas. É significativo, por exemplo, como nas duas regiões da América Latina a atenção à condição juvenil, ao social e ao político é claramente mais alta que em outras zonas.

4. Alguns realces

4.1 Clareza de princípios

É preciso recordar ainda que se trata dos projetos escritos, e não de uma análise de sua aplicação em cada realidade. Isto explica a *grande atenção aos princípios*, geralmente bem expressos e claros. Percebe-se que é bom o conhecimento do patrimônio educativo e pastoral, e que existe uma forte sensibilidade pela identidade carismática salesiana.

Igualmente os destinatários são focalizados com clareza. O conceito de homem à base do projeto evidencia o homem maduro e empenhado, aberto a um caminho de fé. Dá-se menos importância à pessoa “profissionalmente preparada” ou à sua capacidade de “inserção na sociedade”.

Indagando sobre o conceito de Igreja presente nos projetos vem em primeiro lugar o conceito de igreja ministerial e de igreja comunhão, pouco depois do conceito de igreja missionária.

Quanto ao conceito de educação acentua-se a orientação educativa, a capacidade de animação e a preventividade. Na missão salesiana evidencia-se o testemunho por parte da comunidade dos SDB antes da fidelidade ao carisma e à opção educativa.

4.2 As principais carências

Fica para ser analisada a realidade das obras a fim de verificar se o quadro apresentado pelos projetos escritos corresponde à vida da Congregação. Indicando as carências que se notam nos projetos, queremos convidar as Inspetorias, particularmente as equipes de pastoral, a fazerem esta análise.

— A relação de co-responsabilidade entre SDB e leigos

O CG23 deliberou que é preciso “construir em todas as presenças a comunidade educativa pastoral. Nela (a Congregação) cuidará *sobretudo da qualificação dos leigos...*” (CG23, 235). Vejamos em que ponto estamos.

Já se dizia que na maior parte das Inspetorias os leigos não foram interpelados para a elaboração do projeto. Releve-se ainda que na comunidade educativa o percentual de atenção à formação dos leigos colaboradores gira ao redor de 22%, à profissionalidade aos 20%, à espiritualidade laical aos 22%, à co-responsabilidade aos 20%.

A limitada co-responsabilidade dos leigos revela-se também na dimensão vocacional: somente 12% das Inspetorias dão grande importância à colaboração vocacional com outros grupos da Família Salesiana e somente 6% considera importante a colaboração dos leigos na pastoral vocacional.

— A presença no território

A missão salesiana dirige-se aos jovens em seu contexto. O CG23 examinou com muita atenção a realidade juvenil como desafio à comunidade salesiana, e assim deliberou: “Os jovens... pedem-nos a coragem de uma *inserção mais viva em seu mundo e no contexto social em que vivem*” (CG23,225).

O estudo dos projetos mostra que esta deliberação era de fato necessária. Com efeito, quase não existe atenção ao contexto do jovem no projeto. Mesmo existindo em alguns continentes maior sensibilidade para analisar a realidade em que se trabalha, pode-se dizer que em geral os projetos revelam uma escassa leitura da condição juvenil. Ao descrever, por exemplo, a tarefa da pastoral vocacional, não existe referência à família ou ao contexto do jovem que, ao contrário, é como que “tirado de seu ambiente” e isolado de sua realidade histórica.

Não podemos libertar-nos da impressão de que a presença salesiana permanece ainda *fechada* em si mesma. Talvez conheçamos bem os nossos destinatários, mas não conhecemos tanto o ambiente em que vivem e o seu contexto social.

A orientação social e política é particularmente carente no âmbito educativo. Existe uma discrepância entre o princípio da educação que evidencia a necessidade de “transformar a sociedade” e a assustadora ausência do âmbito social e político através de nossas forças educativas. Examinando as indicações que nos projetos se referem à relação com a realidade circunstante, resulta que poucos consideram importante a relação com a Igreja local (19%), com os organismos educativos (14%), com as famílias dos destinatários

(11%), e muito menos ainda com organismos culturais (4%), com organismos sociais (3%), com a sociedade civil (3%) e com a realidade política (3%).

— *A comunidade salesiana como animadora da comunidade educativa*

Em três deliberações do CG23 são indicadas as tarefas da comunidade local em relação ao seu papel na comunidade educativa: “Cada comunidade local realize e aperfeiçoe na própria obra a comunidade educativa pastoral” (CG23, 236); “estabeleçam-se os papéis de modo que a educação à fé se torne empenho co-responsável de todos os irmãos” (CG23, 243); “exprima no próprio projeto educativo pastoral as modalidades segundo as quais proveja e oriente todos os jovens na descoberta de sua vocação...” (CG23, 252).

A análise dos projetos faz ver que não é claro ainda o papel da comunidade como núcleo *animador da comunidade educativa*.

Não falta a consciência do próprio dever por parte da comunidade. Os aspectos menos claros são: 67% dizem não entender muito bem como co-responsabilizar os leigos; 78% não têm muito clara a função da comunidade enquanto formadora dos leigos (exigência do CG23, n. 223); e 78% não sabem como a comunidade educativa deve garantir o carisma educativo.

O elemento mais positivo é a sentida necessidade de criar um clima de família (84%).

5. O caminho a percorrer

O estudo dos projetos foi uma empresa não fácil, mas muito interessante. Esperamos tornar logo disponíveis, com dados precisos e mais completos, as linhas surgidas. O caminho que as Inspetorias fizeram procurando entender o que significa a elaboração de um projeto inspetorial ofereceu uma oportunidade muito positiva para incrementar a consciência de uma educação e de uma evangelização integral. Os próprios jovens haverão de aproveitar o trabalho feito.

Muitas comunidades estão trabalhando no projeto local. O estudo feito diz-nos para dar atenção ao modo de elaborar o projeto. Em

primeiro lugar um claro conhecimento do contexto no qual se encontram os destinatários. As culturas emergentes e as rápidas mudanças sociais não permitem ignorar quanto acontece ao redor. As respostas que o projeto dá às questões educativas e pastorais deverão também corresponder à realidade territorial em que se encontra a obra. Cada obra, de fato, deve oferecer um projeto de crescimento cultural e evangélico para os jovens do próprio ambiente.

A elaboração do projeto local, além disso, não pode ser reservada à comunidade religiosa, mas deve integrar desde o início pessoas que representam as várias componentes da comunidade educativa: colaboradores leigos, pais, destinatários, etc. Isto para garantir a adequação do projeto à complexidade de qualquer que seja o trabalho educativo e pastoral.

Uma questão que nós certamente deveríamos colocar é a da incidência do nosso trabalho educativo pastoral sobre a capacidade de integração no tecido social e político dos nossos jovens. O objetivo proposto é o de “entrar com liberdade, capacidade e competência na sociedade para transformá-la à luz do Evangelho”. Será necessário levar este princípio até a realidade e estudar suas modalidades de aplicação. O elemento decisivo para chegar a esta meta será sem mais o esforço por qualificar melhor todos os colaboradores (SDB e leigos), através de uma maior atenção à profissionalidade educativa e pastoral.

2.2 A PROPÓSITO DOS COOPERADORES SALESIANOS

Reflexões após os Congressos Regionais da Associação

Pe. Antonio MARTINELLI

Conselheiro geral para a Família Salesiana e a Comunicação Social

Uma iniciativa rica de promessas

Foram 13 os Congressos Regionais realizados em todas as partes do mundo, entre 1993 e 1994. Participaram deles cerca de 2000

Cooperadores e pelo menos outros 2000 estiveram interessados na preparação: um empenho considerável e um envolvimento numeroso de pessoas.

Pode-se dizer que a iniciativa dos Congressos foi um sucesso e de grande satisfação para todos: Cooperadores, Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

Resta, agora, a exigência de fazer amadurecer a rica 'semeadura'.

Inserem-se aqui, as reflexões que dirijo aos Salesianos, a cada um dos irmãos e a cada comunidade.

Proponho, antes de tudo, a releitura do artigo 38 dos Regulamentos Gerais: "Cada comunidade

- sinta o dever de apoiar e incrementar a Associação dos Cooperadores Salesianos em benefício da Igreja.
- Contribua para a formação dos seus membros,
- faça conhecer e promova essa vocação,
- sobretudo entre os jovens mais engajados e
- entre os colaboradores leigos".

(A divisão não é do texto dos Regulamentos. O desejo de evidenciar as diversas passagens levou-me a dividir o texto oficial.)

Um outro texto dos Regulamentos completa a perspectiva. Tiro-o do artigo 36: "A comunidade, de acordo com os responsáveis dos vários grupos

- em espírito de serviço e
- respeitando-lhes a autonomia,
- oferece assistência espiritual,
- promove encontros,
- favorece-lhes a colaboração educativa e pastoral
- e cultiva o esforço comum em prol das vocações".

(Também neste artigo, a divisão é pessoal.)

Como Salesianos de Dom Bosco somos convidados a reconsiderar o que foi vivido pelos Congressos Regionais dos Cooperadores de acordo com o nosso ponto de vista: de responsáveis pela Família Salesiana.

Cada comunidade sinta o dever (Reg. 38)

Encontramo-nos diante de um empenho que a comunidade não pode frustrar: as referências constitucionais e regulamentares são claras. O artigo 5 das Constituições diz palavras muito importantes:

“Por vontade do Fundador, temos nela (na Família Salesiana) particulares responsabilidades...” (ib.).

A primeira, entre as demais responsabilidades, é fazer viver a Associação, no sentido de dar vida a um Centro local de Cooperadores salesianos.

As comunidades, porém, nem sempre e nem todas, responderam ao ‘dever’ indicado pelos Regulamentos Gerais: não deram vida à Associação dos Cooperadores.

São aduzidos os seguintes motivos:

- impossibilidade de seguir todas as atividades,
- excesso de trabalho que as comunidades já devem absorver,
- ausência de um salesiano que possa cuidar disso,
- temor de ‘salesianizar’ todas as obras e atividades de uma casa, etc.

Apesar disso tudo permanece a orientação das Constituições e dos Regulamentos Gerais. O que deve levar a comunidade a redescobrir os motivos positivos de uma presença da Associação em todas as obras salesianas.

É indispensável incrementar a convicção de que os Cooperadores são, para se servir de uma palavra imediata no sentido e respeitável pela fonte, ‘consanguíneos’ dos Salesianos de Dom Bosco.

De seu lado, os Cooperadores, como irmãos e irmãs, reconhecem e afirmam ‘vínculos particulares com a Congregação salesiana’. O artigo 24 do Regulamento de vida apostólica da Associação assim se expressa:

“§1. A Associação tem na Congregação Salesiana um ‘vínculo de união seguro e estável’, e as relações com ela desenvolvem-se num clima de fraterna e recíproca confiança. Cada comunidade salesiana, inspetorial e local, sente-se envolvida na tarefa de ‘apoiar e incrementar’ a Associação, contribuindo para formar os seus membros, tornar conhecido e promover o seu projeto de vida.

§2. É vontade determinada dos Cooperadores conservar e desenvolver as ligações que os relacionam à Congregação Salesiana. Em particular, nutrem pelo Reitor-Mor sentimentos de sincero afeto e de fidelidade às suas orientações”.

Como Salesianos, podemos ignorar estas declarações? Podemos deixar de realizar o projeto da Congregação que indica a todas as comunidades o ‘dever’ de agir de acordo com o ditado constitucional e regulamentar? Podemos renunciar à presença de Cooperadores ao nosso lado?

A fidelidade a Dom Bosco traça-nos um caminho a percorrer.

É tarefa do Delegado sensibilizar as comunidades (Reg. 36)

Os Regulamentos Gerais afirmam: “É dever do inspetor e do diretor, coadjuvados pelos respectivos delegados, sensibilizar as comunidades para que cumpram sua função na Família Salesiana”.

‘O delegado e os delegados’ representam o coração do problema. Sua presença e atividade tornam-se determinantes.

As opções feitas pelos inspetores, designando pessoas para este serviço salesiano, indicarão o conhecimento da importância, a aceitação e o apoio aos Cooperadores por parte da comunidade salesiana.

‘O delegado e os delegados’ são, de fato, os responsáveis mais evidentes da vitalidade dos Centros: devem ser considerados como ponto de referência quer da comunidade salesiana quer da Associação.

O delegado nomeado deve trabalhar, então, com as comunidades salesianas.

Não disse que deve trabalhar ‘só’ com as comunidades, mas quis reafirmar que destinatários do seu trabalho são também, e, talvez antes de tudo, os Salesianos. É chamado a sensibilizá-los, acompanhá-los, motivá-los e sugerir-lhes o caminho a trilhar com os Cooperadores no plano da formação, da missão e da fraternidade. O delegado dos Cooperadores não pode agir sem sentir consigo, como apoio e alento, a comunidade dos irmãos.

Imaginar uma estrada que não cruze os caminhos da comunidade é não só utopia, mas futuro estéril. Com maior razão, organizar as atividades e a vida de um Centro que não esteja em harmonia com a vida da comunidade não pode dar resultados duradouros.

O delegado, inspetorial e local, deve sentir-se intimamente ligado ao Inspetor e um representante dele. O delegado local vive esta mesma relação com o diretor.

Em conclusão, os delegados têm um papel muito importante e corresponde à capacidade de funcionar como ‘animadores intermédios’. Isto é, os delegados:

- não devem interessar-se apenas pelos grupos dos Cooperadores com os quais desenvolver programas previstos pela Associação,
- mas também pelos Salesianos que com eles se empenham no apoio e nas atividades,
- e com outros responsáveis interessados na vida dos Cooperadores.

O Delegado é responsável pela formação salesiana apostólica (RVA art. 46).

O Regulamento de vida apostólica (RVA) indica as tarefas exigidas do delegado no interior da Associação:

“Cada Centro e cada agrupamento inspetorial de Centros têm o próprio Delegado ou Delegada. Eles são os animadores espirituais, responsáveis sobretudo pela formação salesiana apostólica”.

O ‘comentário oficial’ descreve, quase detalhadamente, o sentido da expressão. Sem dúvida os delegados inspetoriais e locais conhecerão o texto que apresento em seguida. Pode ser útil mencioná-lo, uma vez que nem sempre todos os responsáveis inspetoriais e locais das comunidades estão ao par das coisas exigidas dos Salesianos.

Eis o comentário oficial:

Tarefas específicas a nível inspetorial

“A nível de Conselho inspetorial (fala-se aqui do Conselho inspetorial dos Cooperadores, não dos Salesianos), nas tarefas de animação e de formação salesiana apostólica, próprias dos Delegados e das Delegadas, entram todas as iniciativas e atividades estabelecidas pelo conjunto do Regulamento e as que a inventiva do Espírito Santo e a criatividade do carisma salesiano possam sugerir para o bem espiritual dos Cooperadores.

Tratando-se do âmbito inspetorial, estas tarefas são mais propriamente de promoção e coordenação das iniciativas dos diversos Centros que pertençam ao agrupamento inspetorial, segundo o que estabelece o artigo 44 §1.

Para o Delegado inspetorial acrescentam-se as especificações contempladas pela Convenção:

- exerce suas tarefas de animação espiritual e de responsabilidade da formação em todos os centros do agrupamento inspetorial para o qual foi nomeado (RVA art. 11 §1);

- procede de comum acordo com a Delegada inspetorial FMA em vista de um fecundo trabalho apostólico e em vista da pastoral de conjunto (art. 11 §3);

- visita os Centros erigidos junto às obras das FMA, nas condições indicadas, também para conservar e desenvolver as relações (...) que unem os Cooperadores à Congregação Salesiana (art. 11 §3)".

Para a Delegada inspetorial a Convenção precisa as seguintes tarefas:

- interessar-se por ter no próprio Centro um sacerdote salesiano, encarregado de comum acordo com o Inspetor (art. 5);

- visitar os Centros erigidos junto às obras FMA (art. 10); a formulação do artigo, que diz 'é também competência da Delegada inspetorial', indica que esta tarefa compete, de per si, à Inspetora; contudo, entra também nas competências da Delegada inspetorial;

- atuar de acordo com o Delegado inspetorial para um fecundo trabalho apostólico, em vista da pastoral de conjunto (art. 11 §2)".

Tarefas específicas a nível de Centro

No âmbito do Conselho do Centro, as tarefas de animação espiritual e de formação apostólica salesiana são desenvolvidas pelos Delegados locais não só a nível de guia espiritual do Centro, como grupo qualificado de Cooperadores, mas também e propriamente como animação direta e animação imediata voltada para cada um dos aspirantes e para cada Cooperador: são eles os primeiros responsáveis pela formação inicial e permanente, individual e de grupo, segundo o que estabelece o artigo 38 §2.

Recorde-se nesta ordem de idéias o disposto pela Convenção: "os Delegados locais não sacerdotes empenhem-se na medida do possível por ter para o próprio Centro um sacerdote salesiano, encarregado de comum acordo com o Inspetor, para os momentos fortes de oração e de discernimento e para a vida sacramental-litúrgica dos Cooperadores (art. 5)".

A citação é longa, mas oportuna e útil, para continuar com as conseqüências práticas.

Antes de tudo, o delegado deve reconhecer que nem toda a formação depende unicamente de sua ação. Não seja esquecido o art. 38, muitas vezes referido. Transcrevo-o:

"§1. O Cooperador é o primeiro e principal responsável pela própria formação. Convencido que ela exige docilidade ao Espírito Santo, dá importância à vida de oração e à direção espiritual.

§2. A Associação promove e apóia a formação pessoal e de grupo de seus membros através da ação de Cooperadores qualificados e do Delegado/a que agem co-responsavelmente”.

O delegado cuida em particular da formação ‘salesiana apostólica’. É todo o vasto campo da típica espiritualidade salesiana que se caracteriza como espiritualidade de um apóstolo. É evidente, além do mais, que o empenho de garantir a formação salesiana global é de sua direta competência, como resposta ao artigo 5 das Constituições: ‘manter a unidade do espírito’.

Dois fatores entram em jogo. O primeiro é a autonomia própria de uma associação de leigos. O segundo leva à fonte carismática e por isso à necessária união com ‘o’ salesiano.

O delegado interessa-se pela formação entendida em sua globalidade, não reduzindo-a somente aos elementos intelectuais, nem ajudando a realizar os gestos “religiosos”. A espiritualidade do quotidiano, típica do apóstolo no estilo de Dom Bosco, toca e transforma toda a vida.

Mover-se neste terreno com competência exige a presença operativa de irmãos que reconheçam o papel dos leigos no interior da vida da Igreja e da Congregação, e saibam oferecer-lhes estímulos de crescimento e de comunhão.

Dessa forma as promessas dos 13 Congressos Regionais dos Cooperadores poderão chegar a um completo amadurecimento.

O Cooperador, verdadeiro salesiano no mundo (RVA art. 3)

Manifestou-se com força durante os Congressos um último elemento: o amor dos Cooperadores salesianos por Dom Bosco: por sua pessoa e por sua espiritualidade.

Não se trata de uma descoberta... contemporânea. É realidade que tem raízes na fundação mesma de Dom Bosco e recebida pela Associação, que escreve no RVA o seguinte artigo:

“O Cooperador é um católico que vive sua fé inspirando-se, em sua própria realidade secular, no projeto apostólico de Dom Bosco:

- empenha-se na mesma missão juvenil e popular, de forma fraterna e associada;

- age pelo bem da Igreja e da sociedade;

- de modo adaptado à própria condição e suas concretas possibilidades” (ib. art. 3).

Volto ao parágrafo inicial da presente reflexão, onde se empenha a comunidade numa ação qualificada em favor dos Cooperadores. As razões mais profundas são encontradas no citado artigo 3 do Regulamento de vida apostólica.

As comunidades salesianas que desejam ter leigos seriamente empenhados de um ponto de vista cristão, devem pensar na formação dos Cooperadores.

As comunidades salesianas que entendem difundir o espírito de Dom Bosco na sociedade e no mundo, devem poder contar com um número considerável de Cooperadores.

As comunidades salesianas que desejam compartilhar, no atual contexto eclesial, a própria missão com os leigos, devem encorajar a preparação apostólica salesiana de tantos Cooperadores.

A Associação representa uma riqueza ‘na’ e ‘para a’ Igreja: a Igreja universal e a Igreja particular. De fato, trata-se de um dos núcleos centrais do projeto de Dom Bosco, de onde ‘origina-se um vasto movimento de pessoas que, de várias maneiras, trabalham para a salvação da juventude’ (*Constituições salesianas*, art. 5).

A Associação é uma presença de Evangelho no mundo, em estilo salesiano. Disso os Cooperadores têm consciência; devemos nós, como salesianos, aprofundar sempre mais sua rica realidade. “O estilo de vida pessoal do Cooperador, marcado pelo espírito das bem-aventuranças, é também um empenho para evangelizar a cultura e a vida social. Por isso o Cooperador:

- usa sua liberdade em obediência ao plano de Deus sobre a criação que o leva a apreciar o valor e a autonomia próprios das realidades seculares e a orientar sempre a serviço das pessoas;

- em espírito de pobreza evangélica administra os bens com critérios de simplicidade e de generosa partilha, fugindo de toda forma de ostentação, e considerando-os à luz do bem comum;

- vive sua sexualidade segundo uma visão evangélica de castidade, que o estimula a comportamentos de delicadeza e a uma vida celibatária e matrimonial íntegra, alegre, centrada no amor;

- num mundo eficientista, agressivo e dividido, testemunha o primado do espírito e crê na fecundidade do sofrimento; está convencido de que a não-violência é fermento de paz e que o perdão constrói fraternidade” (RVA art. 12).

Trata-se de um programa empenhativo, que solicita dos irmãos salesianos, com os quais os Cooperadores partilham o termo e a realidade 'salesiano', o apoio e o encorajamento.

Conclusão

Em algumas Regiões da estrutura da Associação dos Cooperadores todos os Inspetores da Região têm participado, juntamente com os Delegados inspetoriais e locais. Em outras Regiões não foi fácil organizar a presença de todos os responsáveis da Inspetoria salesiana.

Por isso quis exprimir, de maneira prolongada, minhas impressões colhidas a partir da presença nos diversos continentes. Entrego-as aos senhores Inspetores e a todos os delegados.

Em concreto:

1. cada comunidade sinta o dever de apoiar e incrementar a Associação dos Cooperadores salesianos;

2. os senhores Inspetores nomeiem, como delegado inspetorial e delegados locais, irmãos que, além de terem o tempo necessário para uma intervenção eficaz e significativa, estejam atentos a duas exigências:

2.1 à comunhão com a comunidade salesiana,

2.2 e à autonomia organizativa da Associação;

3. os delegados, inspetoriais e locais, desenvolvam o seu serviço específico de animadores espirituais, responsáveis, sobretudo, pela formação salesiana apostólica dos Cooperadores. Tudo o mais deve ser empenho direto e primário dos próprios Cooperadores;

4. os delegados inspetoriais vivam o papel de 'animadores intermédios' diante dos delegados locais e das comunidades salesianas, a fim de alargar o número daqueles que sentem a responsabilidade para com a Associação;

5. os delegados locais recordem particularmente a exigência de acompanhamento espiritual de cada Cooperador e do Centro, para um amadurecimento cristão e salesiano adequado às circunstâncias atuais.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

No dia 3 de abril, Páscoa do Senhor, o Reitor-Mor esteve no Colle Don Bosco, para benzer as 14 artísticas estações da “Via Lucis”, etapa ulterior do itinerário espiritual da Ressurreição naquele nosso centro de espiritualidade. Participou, depois, da comemoração centenária da casa de Avigliana.

De 8 a 28 de abril esteve no Paraguai, Argentina e Brasil. Em Assunção, participou da conclusão do “Primeiro Congresso dos Cooperadores Salesianos do Cone Sul”, muito numeroso e promissor. Logo em seguida, em La Falda (Córdoba) presidiu à “visita de conjunto” das Inspetorias da Bacia do Prata (Argentina, Paraguai e Uruguai). Encontrou-se, em seguida, com Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, outros grupos da Família Salesiana e grupos juvenis em Córdoba e Buenos Aires: memorável o encontro com os jovens em Córdoba.

Passou depois a Campos do Jordão (São Paulo) para a “visita de conjunto” às Inspetorias do Brasil. Em São Paulo esteve também com a Família Salesiana e vários irmãos Bispos. Participou depois, em Campo Grande e Cuiabá, das cele-

brações centenárias da chegada dos Salesianos ao Mato Grosso. Não pôde ir a Recife, voltando para a beatificação de Madre Morano em Catânia (adiada, como é sabido, pelo inesperado acidente acontecido com o Santo Padre).

O centenário de Lombriasco viu-o presente nos dias 7 e 8 de maio; houve na ocasião um encontro muito positivo com os noviços de Pinerolo. Pouco depois, o centenário de Málaga, na Espanha, ocupou-o nos dias 13 a 17, oferecendo-lhe a oportunidade de uma ampla série de encontros e de alguma rápida visita: às FMA de Marbella, aos Salesianos de Ronda e de Antequera.

Partiu no dia 19 de maio para Gatchina (São Petersburgo) onde tomou parte da inauguração de nossa incipiente escola gráfica. Dali passou a Moscou (21-22 de maio) onde pôde reunir-se com vários de nossos irmãos que trabalham na ex-União Soviética.

A 24 de maio participou da festa de Maria Auxiliadora em Valdocco e, de 25 a 28, esteve em Aricia para a reunião dos Superiores gerais, ainda em preparação ao Sínodo de outubro sobre a vida consagrada.

Desde o início de junho o Reitor-Mor está empenhado nos trabalhos da sessão plenária do Conselho. Aproveita, contudo, os fins de semana para algum outro compromisso. Assim, nos dias 4-5 de junho esteve em Vibo Valentia, Calábria,

para os 90 anos daquela nossa presença; e de 10 a 13 presidiu, na UPS, a “visita de conjunto” da Visitadoria e da Universidade.

4.2 Crônica dos Conselheiros

O Vigário do Reitor-Mor

P. Juan Vecchi visitou nos dias 13 a 25 de janeiro as Inspetorias “Maria Auxiliadora”, de Bratislava, e “São João Bosco”, de Praga. Em Velehrad manteve quatro dias de reuniões com os diretores das duas Inspetorias para tratar de temas de animação comunitária e de espiritualidade salesiana. Antes e depois destas reuniões tomou contato com comunidades e obras que neste momento estão organizando seus ambientes e se encaminham para um funcionamento normal.

No mês de fevereiro realizou a visita anual à Casa Geral, verificando o funcionamento dos diversos setores de trabalho e a situação dos irmãos que deles fazem parte. No mesmo mês (9-10 de fevereiro) foi a Zagábria para participar de um congresso sobre “Pluralismo na educação e na instrução pública”, organizado pelo Fórum Europeu para a liberdade de educação, com uma comunicação sobre o tema: “Pedagogia Salesiana como uma possibilidade no pluralismo educativo”. Participou depois da jorna-

da de formação dos Conselhos de cooperadores e ex-alunos da Inspetoria Romana, apresentando a Estréia do ano. No dia 25 do mesmo mês apresentou aos encarregados da formação das Inspetorias da Itália “Os questionamentos que a animação vocacional apresenta à formação salesiana” em vista de uma atenção mais adequada às exigências das novas gerações.

Em março teve dois dias de encontros com os diretores da Inspetoria Sícula, para tratar o tema “Direção espiritual na comunidade salesiana”. De 18 a 26 do mesmo mês pregou os exercícios espirituais às diretoras FMA da Inspetoria “Nossa Senhora de Guadalupe” do México, por ocasião do centenário da chegada das Irmãs àquele país.

Seguiram-se, na Casa Geral, os dias de reuniões com os Conselheiros dos dicastérios, para aprofundar algumas temáticas e esclarecer pontos organizativos.

No mês de abril, em Ragusa, participou da jornada do “Movimento Mundo Jovem”, com uma relação sobre “Crise social. Apropriemo-nos de novo da presença”. E no dia 24 do mesmo mês, com a comissão nacional de Pastoral Juvenil das Inspetorias da Espanha, teve um dia de estudo sobre “A primeira evangelização dos jovens”.

De 2 a 6 de maio tomou parte da “visita de conjunto” às Inspetorias da Europa Centro-Norte, em

Benediktbeuern. Sucessivamente encontrou os diretores da Inspetoria Adriática, numa jornada de formação sobre a pastoral vocacional. No dia 21 estudou, com os encarregados dos Pensionatos Universitários da Itália, "Os elementos fundamentais para um projeto formativo nos pensionatos universitários salesianos".

O resto do tempo foi dedicado a acompanhar a administração ordinária e algumas situações que lhe foram confiadas pelo Reitor-Mor.

O Conselheiro para a Formação

A participação nas "visitas de conjunto" ou a preparação delas ocuparam diversas semanas deste período. Recorde-se que todas as visitas deste sexênio têm como tema comum a formação permanente. O Conselheiro para a formação tomou parte das "visitas de conjunto" da Região Atlântica (Inspetorias do Prata: 10-16 de abril; Brasil: 17-23 de abril) e da Europa Centro-Norte (Benediktbeuern: 2-6 de maio) e participou da preparação das visitas à UPS e à Índia. Nesta última, esteve em Bangalore de 24 a 27 de janeiro para tomar contato com um grupo de irmãos encarregados de preparar a reflexão sobre a "contextualização da formação salesiana na Índia", que será um dos temas da visita.

Um segundo empenho foi oferecido pela visita a algumas Inspetorias. Tratando-se da primeira visita, ela se concentrou sobre a situação formativa. De 29 de janeiro a 9 de fevereiro esteve nas Filipinas, que vivem uma nova etapa salesiana, depois da constituição de duas Inspetorias. De 6 a 12 de maio foi a vez da Eslovênia, Inspetoria de Ljubljana, e da Croácia, Inspetoria de Zagábia; duas inspetorias que, por razões diversas, vivem uma situação nova, com novas possibilidades e novos desafios, com forte incidência sobre a formação inicial e sobre a formação permanente dos irmãos e das comunidades.

A visita ao estudantado de Cremisan, onde vivem 27 irmãos estudantes de teologia, pertencentes a 12 Inspetorias, e o encontro com os diretores no Cairo, constituíram o principal motivo da presença na Inspetoria do Oriente Médio (6-14 de março). Refletiu-se com os diretores sobre a animação comunitária da comunidade local e sobre a relação entre pastoral vocacional e preparação imediata ao noviciado.

De 24 a 28 de março reuniram-se em Viena mais de 40 formadores vindos das comunidades de noviciado e de teologia e dos centros salesianos de estudo da Europa, pertencentes a 30 Inspetorias e 15 nações. Tendo presente a novidade da situação européia e a diversidade de situações na Europa, também do

ponto de vista salesiano e formativo, viveu-se um momento de comunhão e de partilha e se viu a necessidade de maior colaboração e coordenação. O diálogo foi estimulado pelo intercâmbio de experiências (existem na Europa 40 Inspetorias ou Circunscrições salesianas) e por três “relações” sobre a realidade juvenil, sobre a resposta formativa, sobre a experiência formativa dos jovens irmãos. Antes do encontro o Conselheiro dedicou alguns dias à Inspetoria de Viena.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

De 10 de janeiro a 27 de março o P. Van Looy realizou a visita extraordinária à Inspetoria Bélgica-Norte.

Interrompendo a visita de 4 a 11 de fevereiro, pregou um curso de exercícios espirituais em Sevilha, Espanha, às diretoras e Conselhos inspetoriais das FMA. No dia 12 de fevereiro representou o Reitor-Mor na ordenação episcopal de Dom Adriano Van Luyn, em Roterdã (Holanda). Nos dias 12 e 13 de fevereiro assistiu ao encontro de Espiritualidade Juvenil Salesiana das Inspetorias de língua alemã em Fürstenried na Alemanha.

Concluída a visita à Bélgica-Norte, passou a Semana Santa em Roma, junto com outros Conselheiros

dos dicastérios para coordenar os trabalhos.

Presidiu nos dias 8-9 de abril um encontro de estudo em Leusden na Holanda, sobre “Liderança em estilo salesiano”, para diretores das casas e animadores salesianos e leigos das várias atividades na Inspetoria. Mais da metade dos 45 participantes eram leigos empenhados nas atividades salesianas. Pôde constatar o grande senso de corresponsabilidade por parte dos leigos na missão salesiana na Holanda, com perspectiva de uma formação aprofundada e um impulso para o futuro.

De 10 a 16 de abril participou da “visita de conjunto” da Bacia do Prata em La Falda (Argentina) e de 17 a 23 da “visita de conjunto” do Brasil, em Campos do Jordão (São Paulo).

Retornando do Brasil, deteve-se para uma jornada missionária com os salesianos obrigados a deixar Ruanda por causa da guerra civil. Percebeu o quanto seja difícil a situação e o quanto esteja sofrendo o povo ruandense, e programou com eles um período de formação permanente, aproveitando do período de ausência forçada de sua missão.

De 15 a 30 de abril pregou os exercícios espirituais em Irun (Espanha) aos diretores das Inspetorias de Bilbao e León.

A 1ª de maio encontrou-se com os animadores do movimento juve-

nil salesiano da Itália, no Sacro Cuore de Roma, para uma revisão do ano e à preparação do “Confronto” italiano em agosto de 1995.

De 2 a 6 de maio participou da “visita de conjunto” dos países da Europa Centro-Norte em Benediktbeuern (Alemanha).

Esteve em Livorno (Itália, Inspetoria Ligure-Toscana) nos dias 11-12 de maio para um encontro com um grupo de jovens sobre a oração juvenil salesiana e para um encontro com a comunidade.

Depois, a partir do dia 14 esteve no Equador. Em Cumbayá presidiu, com a Madre Georgina McPake, o encontro de estudo sobre “O Processo Educativo Salesiano e as Culturas Emergentes na América Latina”. Participaram deste encontro, o primeiro do gênero na América Latina, 119 entre Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos e Cooperadores. Objeto de estudo foi a realidade dos jovens, a realidade cultural, educativa e religiosa do continente, para examinar a resposta educativa que a Família Salesiana está dando através das obras escolares no continente. Este encontro evidenciou a grande necessidade de investigar constantemente a realidade e os critérios de resposta e fez sentir com vigor a necessidade de proceder em conjunto com a Família Salesiana no continente americano.

Terminado o encontro, rico de experiência e de espírito salesiano,

P. Van Looy foi à Colômbia para visitar, de 26 a 30 de maio, duas obras de Bogotá. A obra do “Niño Jesús” em Bogotá é, antes de tudo, um santuário de grandíssima relevância na cidade e no país. Ali se reúnem mais de 100.000 pessoas a cada domingo, e se leva adiante um trabalho intenso de ajuda aos pobres, catequese, educação, etc. A outra obra visitada é a Boscônia-La Florida, que desenvolve um trabalho com os meninos de rua. Nela, em suas várias etapas, atinge-se 1500 jovens e garotos, num programa que vai da primeira acolhida até à “República dos meninos” na casa La Florida. Trata-se de uma obra de grande valor, reconhecida por todos na Colômbia e na América Latina.

Em seguida, o P. Van Looy retornou a Roma para a sessão plenária do Conselho.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

O Conselheiro geral, P. Antonio Martinelli, teve como principal empenho — neste período — o de realizar a visita extraordinária à Inspetoria “São Marcos” de Venezuela. Iniciou-a no dia 7 de janeiro de 1994 e, com algumas interrupções, participou das programadas “visitas de conjunto” do Conselho

às Regiões, concluindo a visita na metade de maio.

As “visitas de conjunto” interessaram à Argentina, Paraguai e Uruguai em La Falda (Córdoba, Argentina); Brasil, em Campos do Jordão (São Paulo); e dez Inspetorias da Europa Centro-Norte e Europa-Leste, em Benediktbeuern (Munique).

Dois foram os temas que interessaram a presença do Conselheiro Geral: a participação dos leigos na missão salesiana e a pastoral social salesiana.

A FAMÍLIA SALESIANA

A crônica das atividades relacionadas com o Dicastério para a Família salesiana registra:

- Congresso Regional dos Cooperadores em Ypacaraí (Paraguai) nos dias 6-10 de abril de 1994. A identidade do Cooperador Salesiano à luz de Santo Domingo viu reunidos mais de 150 Cooperadores, com a presença constante de todos os Inspetores da Região e das Inspetoras das Filhas de Maria Auxiliadora. Foi um testemunho interessante do empenho salesiano com os Cooperadores;

- participação da jornada de peregrinação da Família Salesiana de Portugal a Fátima nos dias 21-30 de maio;

- presença na reunião da CISI no dia 15 de maio, quando se tratava do tema Família Salesiana,

com particular atenção aos Cooperadores e Ex-alunos;

- presença e celebração da semana de espiritualidade para a Família Salesiana, que chegou à 17ª edição com o tema da Estréia do ano sobre a esperança evangélica.

O Dicastério teve muitas outras iniciativas de interesse nacional e internacional. O elenco recorda particularmente:

- dois Congressos Regionais dos Cooperadores Salesianos na África, um em língua inglesa e outro em língua francesa. Foi um acontecimento único, que, espera-se, porá as bases para a vida da Associação nos Países onde vive a presença dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora;

- reflexão inicial em nível inspetorial (Bolonha) com os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora; em nível nacional em Roma com a Junta executiva nacional da Associação dos Cooperadores e com todos os Coordenadores inspetoriais da Itália; em nível internacional, com os Consultores mundiais da Associação presentes na Itália, Espanha, Áustria e Grã-Bretanha, em vista da preparação do encontro internacional que comemora os 100 anos do 1º Congresso mundial dos Cooperadores em Bolonha;

- “Latingex” de Málaga, que acolheu uma centena de Ex-alunos ao redor do tema da família hoje na Europa;

- reunião conjunta da Presidência das Ex-Alunas" das Filhas de Maria Auxiliadora e da Junta Confederal dos Ex-Alunos de Dom Bosco, em vista do Congrelat de setembro de 1995.

Acrescente-se a tudo isto a administração ordinária do Dicastério, nas relações com as várias realidades esparsas pelo mundo e na preparação de material útil para animar os Centros e as Uniões.

A COMUNICAÇÃO SOCIAL

A principal atividade foi desenvolvida no centro, com a perspectiva de levar a nível de realização as orientações do Projeto para a Informação. Ou seja:

- iniciou-se a nova forma de ANS, publicação periódica para a comunidade salesiana;

- os Conselheiros gerais, espalhados pelas várias Regiões e Inspetorias, receberam a cada 15 dias duas páginas de comunicações relativas à vida e atividade da Direção Geral da Pisana;

- iniciou-se a definir o novo produto que interessará diretamente aos Inspetores de todo o mundo salesiano;

- iniciou-se o estudo de uma ajuda concreta a oferecer, duas ou três vezes por ano, aos Diretores do Boletim Salesiano nas diversas edições atuais, para um início de propostas comuns em todos os Boletins.

Tomou-se consciência das dificuldades práticas a serem enfrentadas todos os dias a fim de prestar um serviço eficaz e eficiente.

Notou-se também a utilidade de ter informações tempestivas e de primeira mão: basta pensar nas comunicações passadas ao Reitor-Mor e aos Conselheiros gerais ausentes de Roma em duas circunstâncias particulares: a não Beatificação da Irmã Maddalena Morano e a situação a cada dia mais grave dos irmãos em Ruanda.

As "visitas de conjunto", celebradas na Argentina, Brasil e Alemanha ofereceram ao Conselheiro geral a possibilidade de deter-se em alguns interesses do Dicastério:

- o projeto EDEBE na América Latina, encontrando o Conselho Inspetorial da Inspetoria de La Prata;

- a situação do Centro Salesiano Vídeo de Belo Horizonte, encontrando o Inspetor, P. Carrara e, juntos, estudando o futuro próximo do Centro.

As visitas do Conselheiro geral ao Paraguai e a Portugal constituíram um momento de reflexão de conjunto e de início de projeto para as estruturas de comunicação presentes nas duas mencionadas Inspetorias. As Editoras de Assunção e do Porto e as livrarias organizadas pela comunidade salesiana nos respectivos Países já foram objeto de cuidadosa análise. Colocaram-se alguns critérios fundamentais para a condução de estruturas similares:

- profissionalidade das pessoas empenhadas e dos produtos realizados;
- empenho comunitário inspetorial e de um grupo encarregado, evitando confiar um serviço tão complexo a indivíduos;
- busca de respostas adequadas às situações do país;
- preparação do pessoal salesiano;
- mentalidade renovada naqueles que são chamados com obediência a estruturas de comunicação social as quais devem ser administradas tendo em conta as leis particulares do setor;
- preocupação de realizar a missão salesiana através dos instrumentos da comunicação: educação e evangelização;
- etc.

A presença salesiana exprime-se em níveis muito diferentes e com conteúdos muito variados no campo da comunicação social: sustentar um desenvolvimento alinhado ao carisma de Dom Bosco é o primeiro empenho do Dicastério.

O Conselheiro para as Missões

O Conselheiro para as Missões iniciou suas atividades do primeiro semestre de 1994 com uma visita a Thiès, no Senegal. Participou ali da fase final da reunião com o Delegado e os Conselheiros da Delegação da África ocidental de língua francesa. Tema central do encontro foi a revisão dos diferentes aspectos do

Projeto África e das previsões a respeito do futuro da região.

Do Senegal foi à Inspetoria do Recife, Brasil, onde — nos dias 10-14 de janeiro — visitou as duas comunidades missionárias que representam o “gemellaggio” entre a Inspetoria de Verona, Itália, e a Inspetoria de Recife, Brasil. Junto com o Inspetor e os irmãos, fez uma avaliação da experiência considerada positiva como reciprocidade missionária e deu orientações para o futuro.

De 15 a 21 de janeiro, na Prelazia de Ayutla (México), presidiu com a Madre Lina Chiandotto, ao 4º encontro de formação permanente para missionários/as SDB e FMA do México e Guatemala. O tema “Evangelização-Cultura em contexto de América Central” contou com uma ótima participação, quer como número de participantes, quer como qualidade de intervenções.

De 22 de janeiro a 1ª de fevereiro, o P. Odorico visitou as missões do Ariari, na Inspetoria da Colômbia-Bogotá, e de 1ª a 4 de fevereiro as missões de Chokó, na Inspetoria de Medellín. Em ambas as Inspetorias informou-se também da animação missionária inspetorial. Deve-se sublinhar o crescimento destas duas presenças missionárias colombianas e a contribuição que estas duas Inspetorias deram à Guiné-Conakry com o envio de missionários.

Deixada a Colômbia, o P. Odorico deteve-se brevemente (5 de fevereiro) em Caracas, Venezuela, onde presidiu um encontro de jovens animadores dos SDB e FMA de toda a Venezuela.

Após uma breve permanência em Roma, de 12 a 22 de fevereiro visitou todas as missões da Tailândia, acompanhado pelo Inspetor e pelo Bispo Dom Praphon. Com eles compartilhou as esperanças e também as dificuldades da primeira evangelização do mundo Thai. Teve também um encontro com o Núncio, com quem dialogou sobre a possibilidade de uma nova presença no Laos.

De 22 de fevereiro a 1ª de março visitou rapidamente quase todas as obras da Inspetoria do Vietnã. Pôde ali constatar o crescimento dos irmãos e das obras, as novas perspectivas de desenvolvimento no contexto de uma situação política mais positiva. Dirigiu-se também a Hanoi para estudar a possibilidade de uma presença salesiana no lugar.

Depois de um breve retorno a Roma, o Conselheiro para as Missões foi de novo à Ásia (a Hyderadab, Índia, 5-11 de março, e a Manila, Filipinas, 12-22 de março) para dois encontros de formação permanente para missionários/as SDB e FMA, sobre o tema: "Evangelização e diálogo inter-religioso". Foi uma experiência enriquecedora pelos conteúdos e pela partilha de expe-

riências.

Retornando a Roma, participou das reuniões de Dicastérios convocada pelo P. Juan Vecchi. Depois, de 10 de abril a 8 de maio, P. Odorico participou como especialista da Primeira Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a África: isto obrigou-o a cancelar todos os empenhos assumidos anteriormente em várias Inspetorias da América Latina. Enviou a todas as comunidades que trabalham na África um dossiê de informações sobre o Sínodo dos Bispos africanos.

De 9 a 12 de maio presidiu em Roma a reunião anual dos Procuradores das Missões salesianas sobre a temática da coordenação de projetos e novas técnicas aplicadas ao "Fund Raising".

Logo depois, de 13 a 16 de maio, presidiu a reunião dos Delegados inspetoriais de animação missionária da Europa, USA e Canadá; o tema foi: "Itinerário de educação para a missionariedade e espiritualidade salesiana missionária".

Na segunda metade de maio, o P. Odorico foi à Etiópia e ao Gabão para acompanhar, como Coordenador do Projeto África, os congressos regionais dos Cooperadores salesianos das regiões de língua inglesa e de língua francesa da África: pôde constatar que a Associação já é uma realidade embrional e que se consolidará em qualidade, especialmente depois destes dois congressos.

Antes de retornar a Roma, fez uma breve visita às missões da Guiné Equatorial (Bata e Mikomeseng) e do Gabão (Oyem e Libreville).

O Ecônomo Geral

O Ecônomo Geral recorda as visitas e os encontros mais significativos dos primeiros cinco meses de 1994.

- 23-24 de janeiro: Muzzano, para um encontro com os Diretores da Circunscrição Piemonte. O tema foi a pobreza salesiana. Um comentário à carta do Reitor-Mor com os problemas relacionados a ela.

- 11-14 de fevereiro: participa das jornadas de estudo para ecônomos inspetoriais do setor Economia da CISI, em Zafferana Etnea. São tratados exclusivamente temas econômico-financeiros, assegurativos, fiscais. Boa a atualização com a contribuição de especialistas do setor.

- Na Inspetoria Vêneta-Leste, em Mestre, de 13 a 15 de março reuniu-se com o Conselho inspetorial por ocasião da discussão do rendiconto administrativo 1993 da Inspetoria e de cada Casa. Teve também um encontro com os Diretores e os Ecônomos das Casas para a apresentação dos balanços.

- Encontros do mesmo tipo aconteceram na Inspetoria Meridional, Nápolis, no dia 18 de abril.

- De 11 a 13 de maio foi a Alghero (Sardenha) para uma nova reunião com os ecônomos inspetoriais do setor Economia da CISI.

- Em seguida, foi à Polônia, Varsóvia, onde de 15 a 19 de maio teve uma reunião com os ecônomos inspetoriais da Polônia. Na ordem-do-dia, a revisão dos rendicontos administrativos depois do primeiro envio ao enconomato geral. Em Lutomiersk reuniram-se aproximadamente 50 entre diretores, ecônomos e párocos a fim de refletir sobre argumentos econômico-administrativos relativos às Constituições. Nessa ocasião, o Ecônomo geral aproveita para conhecer algumas “novidades” das construções na Inspetoria de Varsóvia e de Pila.

- Em Gatchina (São Petersburgo, Rússia) de 19 a 21 de maio participa com o Reitor-Mor da inauguração das oficinas da escola gráfica.

- Acompanha o Reitor-Mor também a Moscou (Rússia) de 21 a 23 de maio, e assim revê a nossa paróquia da Imaculada e a comunidade local, e fica conhecendo, a trinta quilômetros de Moscou, o edifício há pouco adquirido para um futuro noviciado.

- Finalmente, o Ecônomo geral não falta à peregrinação anual do final de maio com os irmãos de mais de sessenta anos da Inspetoria Vêneta de São Marcos ao Santuário de Nossa Senhora de Strugnano (Eslovênia).

O Conselheiro para a América Latina - Região Atlântico

Os principais empenhos do Conselheiro regional durante estes meses foram a visita extraordinária à Inspeção "Santo Afonso Maria de Ligório" com sede em Campo Grande (Brasil), as duas "visitas de conjunto" realizadas na Região e a consulta para a nomeação do Inspetor do Paraguai.

A visita extraordinária começou no mês de fevereiro com uma reunião com o Conselho inspetorial de Campo Grande e uma conversa com o Inspetor para uma visão panorâmica das situações mais importantes. Esta visita teve uma característica particular pelo fato de a Inspeção estar celebrando o centenário da primeira chegada dos Salesianos ao Mato Grosso. Por este motivo o Reitor-Mor esteve presente no domingo dia 24 de abril em Campo Grande (Capital do Mato Grosso do Sul) e na segunda feira, 25, em Cuiabá (capital do Mato Grosso). Foram celebrações festivas e solenes, recordando o sacrifício e o heroísmo dos primeiros Salesianos nestas terras.

Na primeira semana de abril, o P. Techera realizou a consulta para a nomeação do novo Inspetor do Paraguai, participando em seguida — no final da consulta — do Congresso regional dos Cooperadores do "Cone Sul", realizado no Paraguai.

De 10 a 16 de abril em La Falda, na Província de Córdoba, Argentina, aconteceu a "visita de conjunto" às Inspetorias da "Bacia do Prata" (Argentina, Paraguai e Uruguai): presentes os sete Inspetores com os respectivos Conselhos inspetoriais. Os temas tratados foram: nova evangelização e educação dos jovens na fé; participação dos leigos na missão salesiana; formação permanente. Sucessivamente, de 17 a 23 de abril, em Campos do Jordão, São Paulo, realizou-se a outra "visita de conjunto" às Inspetorias do Brasil: presentes os seis Inspetores com os respectivos Conselhos inspetoriais. Aqui foram tratados os temas da pastoral vocacional, pastoral social salesiana, formação permanente. Antes da visita ao Prata, o Reitor-Mor teve um encontro com os Salesianos da Inspeção de Córdoba e no final da semana um outro encontro com os jovens. No final da visita de Campos do Jordão, a Família Salesiana de São Paulo ofereceu um ato de homenagem ao Reitor-Mor, no sábado à noite, no teatro do Liceu Coração de Jesus.

Depois das celebrações centenárias na Inspeção de Campo Grande, o Regional acompanhou o Reitor-Mor para uma breve visita a Manaus (encontro com a Família Salesiana, com os formandos, com os salesianos e os leigos animadores da pastoral, e solene concelebração no templo de Dom Bosco).

Na noite de 28 de abril, o P. Techera chegava a Recife, que também está celebrando o primeiro centenário da vinda dos Salesianos nesta cidade, para presidir à concelebração de abertura do terceiro Congresso nacional dos Ex-alunos de Dom Bosco no Brasil.

Após estas interrupções, o Regional retornou à Inspetoria de Campo Grande para concluir a visita às comunidades que ainda faltavam e para terminar a visita extraordinária com a reunião dos Diretores e do Conselho inspetorial.

No dia 23 de maio chegava a Turim para agradecer a Nossa Senhora Auxiliadora e interceder por todas as Inspetorias da Região, que viveram — nestes meses — momentos de animação tão importantes para o crescimento da vocação salesiana.

Quarta-feira, 25, retornava à Casa Geral para participar da sessão plenária do Conselho.

O Conselheiro para a América Latina — Região Pacífico-Caribe

No México

O P. Guillermo García partiu de Roma no dia 18 de janeiro diretamente para o México, onde fez um rápido giro por todas as quinze casas da Inspetoria de Nossa de

Guadalupe (México Sul). Encontrou-se com o Conselho inspetorial e com os Diretores, com a finalidade de ajudar a tornar operativas as conclusões da visita extraordinária feita pelo P. Antonio Rodriguez, em nome do Reitor-Mor, nos meses agosto-outubro de 1993.

Passou pela obra de San Cristóbal de las Casas, no estado de Chiapas, ao sudeste do México, onde no dia 1º de janeiro o exército “Zapatista” levantou-se em armas, pedindo justiça, democracia e eleições “limpas”. O P. García apresentou aos irmãos a solidariedade do Reitor-Mor e da Congregação por aqueles momentos de incerteza e de angústia. No mesmo dia da chegada encontrou-se — juntamente com o Inspetor P. Francisco Javier Altamirano — com Dom Samuel Ruiz para ter informações de fonte segura do estado real das coisas. O Bispo, com um gesto de grande deferência, quis ir — no dia seguinte — à “Casa Don Bosco” para celebrar a Missa aos mais de 200 indígenas refugiados em nosso Centro Juvenil. Oficinas, salas de aula e demais edifícios foram transformados, desde o estouro da guerra, em hospedaria, dormitórios e refeitórios, para todos os que foram obrigados a abandonar a própria casa e o trabalho por causa da insegurança e da violência. É sintomático constatar que não existem jovens entre os numerosos refugiados que dia-a-dia aumentam. Su-

pomos, como é óbvio, que tenham ido apresentar-se ao movimento armado. O heroísmo desta valorosa juventude indígena produzirá certamente mudanças positivas para todos no México, mas não deixa de criar muitas interrogações à nossa missão de educadores-pastores o fato que, apesar do válido e sacrificado trabalho de nossos irmãos, não só no México, mas em toda a América Latina, não exista outra alternativa de vida para indígenas, camponeses e pobres que morrer lutando para não sofrer a fome e para ter resposta às exigências já centenárias de respeito dos próprios direitos e de paz na justiça.

Na Venezuela

No início de fevereiro, o P. García começou a visita extraordinária à Inspetoria "São Lucas" da Venezuela. Foram quinze semanas de giros pelas 35 casas distribuídas nas várias zonas em todo o belíssimo e rico território venezuelano: a "sierra" andina, a costa, o oriente e a floresta amazônica.

A Venezuela, que se prepara com renovado entusiasmo, para celebrar o primeiro centenário da presença salesiana no país, é uma Inspetoria que, a partir de 1989, começou a tomar novo vigor com crescimento qualitativo e quantitativo. A sensibilidade e a consci-

ência evangélico-salesiana dos irmãos deixaram-se validamente interperlar pela realidade nacional em todos os seus aspectos. A Inspetoria da Venezuela aprofundou o estudo dos contextos mais próximos ao carisma de Dom Bosco e, em seus últimos Capítulos, analisou em profundidade a situação do país a partir da perspectiva do carisma, fixando com determinação e clareza a prioridade a seguir nos próximos anos.

Com a intenção de responder às novas urgências da condição juvenil, a Inspetoria lançou-se eficazmente na renovação e popularização de suas presenças tradicionais e em abrir novas frentes de trabalho, privilegiando os meninos mais abandonados e em perigo, os ambientes populares e rurais e as zonas indígenas.

Os "Centros de preparação ao trabalho" serão uma resposta para todos os que ficaram à margem do sistema escolar. O programa das "Casas Dom Bosco", acompanhado e animado em co-responsabilidade com os Cooperadores Salesianos, tentará oferecer casa e educação aos garotos que não têm um núcleo familiar.

Deve-se sublinhar, de modo especial, a presença missionária na Amazônia que, embora ainda jovem (60 anos), apresenta consistência e vigor particulares. O caminho não foi fácil. O avanço, lento mas efe-

tivo, se percebe ao mesmo tempo penoso e cheio de surpresas e sofrimentos. Não faltaram provas inerentes à missão de lutar pela justiça, como o recente ataque feito com críticas injustas por certo antropólogo estrangeiro. Nossos missionários partilham com os indígenas de sua atormentada história. Através de um departamento para a defesa dos direitos humanos, o canal televisivo “Amavisión” e a revista “La Chiesa in Amazzonia” conseguiram, com muito sacrifício e constante perseverança, além do direito aos serviços de saúde, de educação, etc., que seja reconhecido, às diferentes etnias, um território próprio para os Yanomani. O Vicariato como Igreja está empenhado num árduo trabalho de adequação e preparação dos diversos grupos étnicos para que não sejam vítimas do impacto com a cultura “moderna”. Uma das tarefas mais difíceis a enfrentar é o de uma evangelização realmente inculturada, com novo ardor missionário, que seja expressão concreta e convincente de uma fé que se partilha com entusiasmo e com respeito pela cultura.

A Venezuela é uma Inspeção que “respira a pleno pulmão”, com muito futuro e com capacidade de responder eficazmente aos tremendos desafios da realidade e da juventude venezuelana. Deixou-se guiar pelas orientações da Igreja e da Congregação e foi criticamente

consciente e valorosa em suas opções pastorais.

El Salvador

19 de março foi um dia grande e inesquecível para a Região Pacífico-Caribe: inaugurou-se oficialmente o “Centro Regional do Salesiano Coadjutor” (CRESCO) em San Salvador, na América Central. Trata-se de uma casa ampla, acolhedora e pitoresca, construída com a contribuição das 12 Inspetorias da Região e com o apoio econômico e moral do Reitor-Mor, a quem agradecemos de coração. Este Centro foi pensado para acolher os Salesianos leigos que, depois do tirocínio, se preparam para a profissão perpétua. Será aberto, certamente, a outros coadjutores das demais Inspetorias latino-americanas que desejem aproveitar esta experiência formativa.

O grupo “fundador” é constituído por 11 jovens coadjutores, pertencentes às Inspetorias da América Central, Venezuela, Peru, México e Guadalajara. Os três formadores foram oferecidos pelas Inspetorias da América Central, Guadalajara e Equador. Acendemos uma esperança para a América e para o mundo! Dom Bosco estará contente.

Depois da viagem a San Salvador, concluiu-se a visita extraordinária com as reuniões do Conselho

inspetorial e dos Diretores, nas quais foram aprofundadas as observações do Visitador e procurou-se o modo de tornar operativas as recomendações finais. O ato final, um “alfinete de ouro” de acabamento, foi a “Festa da Fidelidade” em que se celebraram com alegria espiritual e com a característica alegria venezuelana as bodas de prata e de ouro de um significativo grupo de irmãos.

Na Colômbia

Antes de retornar a Roma, o P. García deteve-se por uma semana na Colômbia, onde antes de tudo recolheu a consulta para a nomeação do novo Inspetor da Inspetoria de Medellín, uma vez que, por motivo de saúde, o caro e benemérito P. Marcos Baron viu-se obrigado a solicitar ao Reitor-Mor a renúncia ao encargo.

Em Santa Fé de Bogotá encontrou-se com o P. Luc Van Looy, com quem visitou as obras do Santuário do Menino Jesus e a “República dos ‘gamines’” (meninos de rua) “Bosconia-La Florida”.

Na conclusão da visita extraordinária feita à Inspetoria de Bogotá, o Reitor-Mor recomendara que sobre estas duas obras, “bandeira” da Congregação no campo da pastoral dos santuários e no cuidado pelos meninos de rua, se fizesse uma

reflexão de aprofundamento — com a ajuda do mesmo Conselho geral — dada sua importância e peso educativo e de evangelização, estudando sua projeção atual e orientação futura.

Considerando a resposta pronta e entusiasta das comunidades e dos irmãos interessados, esperemos que em pouco tempo os frutos da busca e do estudo feito nas duas obras haverão de se refletir de modo robusto e benéfico para a Colômbia e toda a América Latina.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Concluída a sessão plenária invernal do Conselho geral, o P. Martin McPake partiu de Roma no dia 9 de janeiro para iniciar a visita extraordinária à Inspetoria do Leste dos Estados Unidos (New Rochelle). Depois da abertura da visita na casa inspetorial, ele começou as visitas a cada uma das casas, partindo de Miami, na parte sul da Inspetoria. Uma breve interrupção por doença impediu-o de estar presente à reunião conjunta dos Conselhos inspetoriais SDB e FMA das Inspetorias dos Estados Unidos e do Canadá, que fora organizada em San Antonio, no Texas; pôde, porém, prosseguir regularmente a visita, com um pequeno ajuste do calendário.

Em abril, o Regional presidiu em New Rochelle ao encontro dos sete Inspetores da Região, programado depois da “visita de conjunto” feita pelo Reitor-Mor e Conselheiros gerais na Austrália em outubro passado. Este encontro se propunha examinar o caminho feito na atuação das decisões tomadas.

Pelo fim da visita extraordinária, quando faltava somente a relação final, com as oportunas orientações operativas aos Diretores e ao Conselho inspetorial, o P. McPake teve uma recaída na doença, que tornou necessária uma breve internação hospitalar com uma intervenção cirúrgica. Por este motivo não pôde estar presente em Roma na primeira parte da sessão de verão do Conselho geral.

O Conselheiro para a Região Ásia

Tendo partido de Roma no dia 9 de janeiro, após a conclusão da sessão plenária, o P. Thomas Panakezham foi a Dar Es Salaam, na Tanzânia para visitar todas as comunidades salesianas daquele país, tendo ido depois a Nairobi, no Quênia, para visitar algumas de suas comunidades. Ali pode constatar o progresso feito pela Visitadoria nestes anos. É consolador observar sobretudo a estabilidade das comunidades de formação e ver um

discreto número de vocações autóctones. O Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, construído em Nairobi, em estilo africano, está quase pronto para ser abençoado: os irmãos esperam a presença do Reitor-Mor para este importante acontecimento na história da África Leste.

Depois da permanência na Tanzânia e no Quênia, o P. Panakezham foi a Bangalore, na Índia, onde nos dias 25-27 de janeiro participou de um encontro sobre o tema “A contextualização da formação salesiana na Índia”, com a presença do Conselheiro para a formação, P. Giuseppe Nicolussi. Logo depois, o Regional partiu para a Inspetoria de Dimapur a fim de promover a consulta para a nomeação do novo Inspetor.

Depois de uma breve parada em Calcutá (14-16 de fevereiro), foi a Phnom-Penh, no Camboja (17-19 de fevereiro). Nestes dois anos, nossos três irmãos fizeram um trabalho realmente extraordinário em favor dos menos afortunados: o próprio governo central está orgulhoso e elogiou os Salesianos pela sua dedicação a tantas pessoas necessitadas, sobretudo os jovens.

Após uma visita relâmpago a algumas comunidades da Tailândia, de 22 a 28 de fevereiro o Regional foi visitar várias comunidades das duas Inspetorias das Filipinas. De fato, pela primeira vez o Regional fez um rápido giro pelas comunida-

des da Inspetoria “Maria Auxiliadora” de Cebu (Filipinas Sul), depois da divisão da Inspetoria do Norte (Inspetoria de Manila). A nova Inspetoria está procurando desenvolver a presença salesiana também nas ilhas vizinhas.

De 1^a a 8 de março o P. Panakezham visitou as comunidades do Sri Lanka. Nota-se que nestes últimos anos o Sri Lanka viu um progresso na estabilização das presenças salesianas. O pré-noviciado de Dankotuwa promete muito para o futuro da Delegação.

Passando por Madrasta no dia 9 de março, o Regional foi até Hyderabad para participar do encontro dos missionários sobre “Evangelificação e diálogo inter-religioso”. Logo depois presidiu à reunião da Conferência dos Inspetores salesianos da Índia, realizada na casa inspetorial de Hyderabad. O tema principal foi a preparação imediata para a “visita de conjunto” (que acontecerá em Hyderabad). Os Inspetores trocaram também pareceres sobre o pessoal para os serviços em nível nacional.

A visita canônica extraordinária à Inspetoria “Maria Auxiliadora” de Hong Kong empenhou o Regional de 16 de março até 24 de maio. Esta Inspetoria compreende as presenças salesianas de Hong Kong, Macau e Taiwan. O Visitador encontrou salesianos muito trabalhadores, dedicados e sacrificados, fiéis ao carisma

de Dom Bosco. Os irmãos estão entusiasmados e otimistas, não porém, sem um pouco de incertezas, em vista de 1997, quando Hong Kong será reunificada à grande China continental. Pediria uma oração pelo bom êxito deste acontecimento.

No dia 25 de maio o P. Panakezham foi a Daejon, na Coréia, para presidir à reunião dos Inspetores do Extremo Oriente (25-28 de maio). Lá também o tema principal foi a preparação imediata da “visita de conjunto” que se realizará no Japão em novembro de 1994.

No dia 29 de maio o Regional retornava a Roma.

O Conselheiro para a Região Europa Centro-Norte e para a África Central

Depois de ter tomado contato, no final de janeiro, com as comunidades formadoras na Inspetoria da África Central, o P. Dominique Britschu realizou, em nome do Reitor-Mor, a visita canônica extraordinária à Inspetoria da Alemanha Norte. Iniciada no final de fevereiro, a visita se concluiu no dia 27 de maio.

Além de realizar as precisas tarefas confiadas ao Visitador, o Conselheiro conseguiu seguir de perto os trabalhos de grande parte das Inspetorias da Região (Áustria,

Bélgica Norte, Boêmia e Morávia, Croácia, Alemanha Norte e Sul, Holanda, Eslováquia, Eslovênia e Hungria) convocadas a Benediktbeuern, de 2 a 7 de maio, para uma reunião de avaliação ("visita de conjunto") das deliberações do CG23. Depois de abril foram intensificados os contatos e as intervenções relativas aos dolorosos acontecimentos de Ruanda.

O Conselheiro geral para Portugal e Espanha

Nos meses de janeiro-maio de 1994 o Regional para Portugal e Espanha dedicou-se sobretudo à visita extraordinária à Inspetoria "São João Bosco" de Madri.

Empregou particularmente quase todo o tempo nos trabalhos próprios da visita a esta Inspetoria, com seus mais de 400 irmãos distribuídos em 35 comunidades.

Desenvolveu, contudo, algumas outras atividades.

No dia 22 de janeiro foi a León para apresentar, numa reunião de diretores, a consulta para a nomeação do novo Inspetor. Foi feita uma reflexão sobre a situação da Inspetoria, sobre suas urgências e o tipo de Inspetor que, neste momento, a Inspetoria poderia precisar.

No mês de fevereiro dedicou dez dias para tomar parte no "Curatorium" do Estudantado teo-

lógico de Lubumbashi (Zaire), onde fazem seus estudos teológicos os primeiros salesianos africanos pertencentes às nações em que trabalham as Inspetorias da Espanha e de Portugal: um (de Moçambique) no 2º ano de teologia e seis no 1º ano (1 do Togo, 3 do Benim, 1 do Mali e 1 da Guiné). Como professor colabora um salesiano da Inspetoria de León, P. Bernardo Alonso.

A situação social e política do Zaire chama fortemente a atenção; igualmente, mas em sentido positivo, chama a atenção a serenidade e profundidade do ambiente de estudo de nossos jovens irmãos. Gostaram muito da visita.

Apenas retornado à Espanha, o Regional dedicou ainda alguns dias para apresentar a consulta para os novos Inspetores nas Inspetorias de Sevilha e de Barcelona, sempre numa reunião de diretores.

Nos dias 22 e 23 de março celebrou-se em León a 39ª sessão da Conferência Ibérica. Como de costume, nesta sessão de primavera, estudou-se a situação das presenças salesianas que formam a Delegação da África Ocidental. Presentes o Delegado P. Luís Maria Olivares e o Inspetor de Guadalajara (México), responsável pelas presenças na Guiné-Conakry. A reunião da Conferência desta vez foi realizada em León por ocasião da inauguração do novo edifício que completa as estruturas da casa inspetorial e que compreende uma área de acolhida

para os jovens e uma outra para os salesianos enfermos. É um edifício digno, que oferece novas possibilidades à casa inspetorial.

Poucos dias depois o Regional foi, acompanhado pelo Inspetor de Madri, à Guiné Equatorial, onde permaneceu por 20 dias em visita aos irmãos e às presenças salesianas daquela nação. Pôde também participar da reunião da Delegação para a África Tropical e Equatorial, realizada em Malabo nos dias 11 e 12 de abril. Trata-se de uma Delegação que está realizando o seu trabalho de coordenação e unidade entre as presenças salesianas da Guiné, Camarões, Gabão, Congo e aquelas que logo se abrirão no Chad e na África Central.

No dia 21 de maio reuniu-se com o Conselho inspetorial de Madri e no dia seguinte com os diretores; nestes dois encontros comunicou suas primeiras impressões como conclusão da visita extraordinária.

No dia 24 celebrou a festa de Maria Auxiliadora com algumas comunidades de Madri; em particular, encontrou-se ao meio-dia com a comunidade do Centro Nacional de Pastoral Juvenil; à noite participou da Eucaristia e da procissão de Maria Auxiliadora que se celebra em Atocha. Uma bela manifestação de fé popular através de algumas ruas de Madri, com a participação do Prefeito, Sr. Alvarez del Manzano, e uma enorme quantidade de fiéis; uma verdadeira passagem festiva de

Maria pelas ruas da cidade, acompanhada da oração dos devotos de Maria Auxiliadora e do som da banda de música municipal.

O Regional passou depois os dias seguintes em Burgos e Astudillo em visita aos pós-noviços e noviços, tendo possibilidade de falar aos formadores e formandos. Nestas duas casas colaboram três Inspetorias da Espanha, entre as quais a de Madri, à qual tinha feito a visita extraordinária.

No dia 28 tomou parte dos atos comemorativos do 50º aniversário de fundação da Central Catequística Salesiana; presidiu à Missa no templo de Nossa Senhora de Monserrat e participou do almoço fraterno organizado para a ocasião. Cinquenta anos de uma presença que começou como um “grão de mostarda” e já deu muitos frutos, e que continua hoje rica de esperanças para o futuro. O Regional dirigiu a esta presença editorial salesiana os votos de copiosos frutos na contribuição que ela dá à evangelização dos jovens e à formação dos Salesianos.

No dia 30 retornava a Roma para participar da sessão plenária do Conselho geral.

O Conselheiro para a Região Itália e Oriente Médio

De 4 a 7 de dezembro de 1993, o P. Giovanni Fedrigotti esteve em visita às casas da Albânia: Tirana e Scutari.

De 9 a 11 de janeiro de 1994 convoca a Presidência CISI, que entre outras coisas confirma e precisa o “Confronto MGS/Itália 1955”, aprova o novo “Regulamento CISI” a ser submetido ao Reitor-Mor com seu Conselho, prossegue sua busca de colaboração para com o “Projeto Calábria”. Tem lugar, depois, o encontro conjunto CISI/CII, que aprofundam juntos o tema: “A vida religiosa salesiana: uma presença de carisma na Igreja italiana”. Sublinha-se, de modo especial, o empenho de caminhar como “Família Salesiana”, em diálogo com as Igrejas particulares, atentos às dioceses mais pobres e às “novas pobreza”.

No decurso do semestre sucessivo, o Conselheiro regional prossegue a visita extraordinária na Inspetoria Lígure-Toscana (até meados de fevereiro) e realiza a da Inspetoria Meridional (de meados de fevereiro ao final de maio).

Domingo, 13 de fevereiro, na Vila Tuscolana, celebra a Eucaristia e introduz os trabalhos dos participantes do curso de atualização escola CISI/CII.

De 6 a 11 de março, em Collevallenza, prega os exercícios espirituais aos Conselheiros inspetoriais, diretores e diretoras das Inspetorias SDB/FMA do Sul da Itália, sublinhando a preparação ao Sínodo sobre a “Vida Consagrada”.

De 20 a 24 de março participa dos exercícios espirituais dos Inspetores CISI, pregados pelo P. Piergiordano Cabra em Cecchina (Roma).

De 14 a 16 de maio, na Pisana, participa da Assembléia CISI (que trata dos temas: Família Salesiana, Cooperadores, Ex-alunos) e da Presidência conclusiva. Esta, com a presença do Superior da Visitadoria e do Reitor Magnífico da UPS, examina o estado das relações entre CISI e UPS. Dá partida à nova experiência “periódica” de pós-tirocínio para irmãos coadjutores em Valdocco, a partir de 1994-1995. Insiste sobre o projeto de voluntariado CISI para a Calábria. Exprime, por larga maioria (9 Inspetorias sobre 10), a preferência pelo tema “Leigos” em vista do CG24. Aprova o Regulamento do novo Escritório Jurídico CISI, ao qual se confia o aprofundamento da estrutura jurídica a ser dada à escola salesiana na Itália (CNOS/ESCOLA) e, eventualmente, aos Oratórios (COS).

No dia 29 de maio, em Salerno, participa da anual “Festinsieme” e da procissão de Maria Auxiliadora, invocando a proteção da Virgem para a conclusão da visita extraordinária.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia

O P. Augustyn Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polónia, no período de 8 de janeiro a 31 de

maio de 1994 desenvolveu as seguintes principais atividades:

Antes de tudo assinala-se o encontro com a Presidência da Conferência das Inspetorias da Polônia e com o P. Zdzislaw Weder, encarregado para os países da ex-União Soviética.

Promoveu e animou a consulta em vista da nomeação do Inspetor da Inspetoria da Polônia Sul, com sede em Cracóvia.

Realizou, além disso, visitas de animação, particularmente nas comunidades formadoras, e animou encontros com os grupos da Família Salesiana.

A tarefa que o empenhou por mais longo tempo foi a visita extraordinária da Inspetoria "Santo Estanislau Kostka", da Polônia Leste, com sede em Varsóvia, que foi ocasião de participação em várias celebrações, atividades e encontros de animação, de formação e de estudo.

Nos dias 15 a 19 de maio acompanhou o P. Omero Paron, Ecônomo geral, em duas reuniões: em Varsóvia com os Ecônomos inspetoriais e em Lutomiersk com os Ecônomos locais das quatro Inspetorias da Polônia, e na visita a algumas presenças salesianas.

Logo em seguida, de 19 a 23 de maio foi à Rússia, ainda com o P. Paron, para acompanhar o Reitor-Mor em sua primeira visita à Circunscrição Leste (países da ex-União Soviética). Com o Reitor-Mor participou da inauguração do "Centro Salesiano Dom Bosco — Escola Gráfica 'Linha Offset' — Nivardo Castenetto", em Gatchina, nas proximidades de São Peters-

burgo. Foi depois a Moscou, onde o Reitor-Mor celebrou a Missa Solene de Pentecostes na igreja salesiana da Imaculada Conceição de Maria, com a participação dos representantes da Família Salesiana e numerosos fiéis, presidindo depois a uma academia em honra de Maria Auxiliadora com um ato solene de entrega da Família Salesiana da Circunscrição Leste à Auxiliadora. Finalmente, em Oktiabrskij Poiolok na periferia de Moscou, o Reitor-Mor benzeu a casa destinada ao futuro noviciado da Circunscrição.

Voltando à Polônia, o P. Dziedziel participou das ordenações sacerdotais de 22 irmãos (12 da Inspetoria de Varsóvia, 9 da Inspetoria de Pila e 1 da Bielorrússia).

No dia 26 de maio presidiu ao encontro dos Inspetores das Inspetorias da Polônia.

Finalmente, a 29 de maio em Oswiecim, com a presença de inúmeros representantes dos grupos da Família Salesiana e de fiéis, presidiu às celebrações do Centenário da Aparição de Nossa Senhora sobre as ruínas da igreja que depois foi entregue aos Salesianos.

Logo em seguida voltou a Roma.

O Secretário geral

No período fevereiro-maio de 1994 o Secretário geral organizou três encontros de Secretários inspetoriais de diversas regiões da Congregação.

Estes encontros, que entravam no programa estabelecido para o

sexênio, representaram um tempo de atualização para o trabalho dos Secretários inspetoriais, a serviço das Inspetorias e da Congregação, e, ao mesmo tempo, uma ocasião de troca de experiências. Reviram-se elementos fundamentais do nosso direito e os aspectos mais importantes da organização dos escritórios inspetoriais. Um relevo particular foi dado à documentação da vida e missão das comunidades e das Inspetorias, com especial cuidado pelos arquivos, onde esta documentação é conservada e transmitida à história.

O primeiro encontro se deu em Sampran, na Tailândia, de 28 de fevereiro a 5 de março, para os Secretários das 13 Inspetorias da Ásia (Índia e Extremo Oriente) e da Austrália. Deve-se sublinhar não só a ativa participação de todos, como também o clima fraterno, estimulado pela magnífica hospitalidade da Inspetoria da Tailândia.

Aproveitando da ocasião, o Secretário geral pôde visitar algumas Inspetorias e comunidades salesianas da Ásia. Na viagem de ida, passando por Bombaim, deteve-se na Inspetoria de Hyderabad, Índia, onde pôde visitar as obras salesianas na cidade e o noviciado de Chandur. Deteve-se depois em Nova Délhi, onde admirou a realidade salesiana de diversas de nossas presenças; de aqui foi a Bangcoc.

Após a permanência na Tailândia, o Secretário passou ainda por três países: Coréia, Japão e Filipinas. Na Coréia fez breve visita

a todas as nossas presenças salesianas, com particular cuidado às comunidades formadoras. No Japão visitou, particularmente, as casas salesianas de Tóquio, tomando conhecimento da missão que os Salesianos desenvolvem hoje, mas também da história de nossa obra nesta terra. Finalmente, nas Filipinas visitou algumas obras da Inspetoria do Sul, em particular as casas de Cebu e as da ilha de Negros Ocidental (onde, entre outras, encontra-se o noviciado). Em todos estes lugares pôde encontrar-se também com várias comunidades das FMA e outros grupos da Família Salesiana (muito característico aquele com as Irmãs da Caridade de Miyazaki, em Tóquio). Após uma breve passagem por Manila, voltou a Roma.

Os outros dois encontros dos Secretários inspetoriais desenvolveram-se em Roma, assim articulados:

- de 11 a 15 de abril, para as Inspetorias da Itália, Espanha e Portugal;

- de 9 a 13 de maio, para as demais Inspetorias da Europa (Alemanha, Áustria, Bélgica, Eslováquia, Eslovênia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Irlanda, Polônia, República Tcheca).

Estes dois encontros de Roma, foram igualmente caracterizados pela ativa participação e pela grande fraternidade. Entre outras coisas, os Secretários puderam tomar contato com os escritórios da Casa Geral (particularmente com o Arquivo Central) e encontrar os responsáveis de alguns setores.

5.1 Irmãos falecidos (1994 - 2ª lista)

“A fê em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. ... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P ALOSSA Artùro	Chieri 28.05.94	69	ICP
P BARBOSA Orlando	Santos 17.04.94	66	BSP
P BORGATELLO Diego	New Rochelle 23.04.94	83	SUE
L BOYCE John	Delaside 27.05.94	75	AFM
P CAPELLARI Saulo	Turim 01.06.94	77	ICP
P CAPOGROSSO Luís	Taranto 12.06.94	63	IME
L CASTELLI Giovanni	Jerusalém 31.05.94	84	MOR
P CESAR Romeiro Brenno	São Paulo 31.03.94	90	BSP
L CILLUFFO Onofre	Bahía Blanca 13.04.94	83	ABB
P CORBELLA MARGALEF Juan	Barcelona 19.05.94	86	SBA
P DESTEFANIS Natale	Turim 04.04.94	81	ICP
P DOMANSKI Juan	Lima 17.04.94	84	PER
L FILIPOWICZ Jan	Sokolów Podlaski 13.02.94	58	PLE
P FRELICH Vojtech	Zlín 10.02.94	79	CEP
P GASPARIN Guerrino	Novara 01.04.94	77	ICP
P GIUDICI Giuseppe	Arese 05.05.94	92	ILE
P GROSSO Antonino	Cuneo 23.05.94	62	ICP
L JEZOVIT John Baptist	Banpong 15.04.94	84	THA
P JOSCHKO Franz	Colônia 09.04.94	82	GEK
P KHONGLAH John	Jowai 18.04.94	70	ING

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
P KNOLL Alois	Würzburg	26.05.94	73	GEM
P KOMAREK Václav	Praga	22.05.94	64	CEP
L KOVAC Alfons	Praga	22.04.94	74	CEP
P MARTIN GONZALEZ Angel	Córdoba	03.06.94	70	SCO
P MILAN GOMEZ Alfonso	Orense	16.05.94	66	SLE
Foi Inspetor por 6 anos				
L MRZEL Rafael	Mandaluyong	16.04.94	81	FIN
P MUÑOZ OPAZO Honorio	Santiago do Chile	06.04.94	98	CIL
L NACHTEGAEL Gustaaf	Gent	24.05.94	75	BEN
L PALATHUMKAL Cherian	Aluva (Índia)	16.04.94	59	AFE
P PERCKE Pierre	Pontoise	06.04.94	74	FPA
P RAUCH Edouard	Mulhouse	28.03.94	80	FLY
P RESCHOP Carlos	Valencia	01.05.94	72	VEN
P SALLACH Adolf	Velbert	07.04.94	71	GEK
P SERRANO CONSTANZA Manuel	San. José	16.04.94	89	CAM
	da costa Rica			
L SINSEDER Franz	Bad Tölz	04.04.94	88	GEM